

★ Edição comemorativa

15 anos de Jornal Relev0 ★



**Aposte tudo!
Agora! E ganhe
dinheiro!***

**Não garantimos que haverá ganho de dinheiro*

**Promoção por
tempo limitado!**



**Siga as dicas e conquiste
a coroa do rei!**



Quinze anos, uma aposta

RelevO debuta no mundo das bets



Depois de ter dito sim à Red Bull (sem os austríacos terem perguntado algo), o RelevO anuncia um reposicionamento estratégico. Nosso próximo grande passo. Um movimento natural, orgânico e talvez até óbvio para um periódico impresso de literatura: ser vendido a uma casa de apostas. Mas não qualquer bet. A MacBET.

Conhecemos o CEO da instituição, Sir Reginald McHaggis, numa noite fria do inverno curitibano. As negociações foram extremamente rápidas. Preocupantemente rápidas. Eufórico e entorpecido (“*pass me the loló, you féckin wênka*”), McHaggis ofereceu ao RelevO aquilo que este sempre quis: dinheiro privado de fontes escusas “sem ter matado ninguém”. Em troca de quê? Ainda estamos descobrindo, mas precisávamos fechar a edição logo para receber o “falcão maltês”, como temos nos referido ansiosamente à transferência bancária originada em Malta.

Assim como o RelevO, a MacBET aposta nos autores. Ou melhor, talvez não exatamente como o RelevO. Uma maneira menos literária e mais... literal. E, veja, agora você também poderá fazer aquilo que nunca pediu e tampouco sabia que queria (como máquinas de lavar *smart* e assistentes de leitura com IA): arriscar o próprio patrimônio com literatura, divertindo-se muito pouco, mas viciando-se no processo.

A partir de agora — justamente agora, quando até os jovens gostam de objetos analógicos —, o RelevO decidiu esboçar um seguro de fracasso (não contra o fracasso) contemplando tudo que pode fazer para “acompanhar os movimentos do mercado” sem braço e sem orçamento para tal. Assim, o impresso mensal terá seu tamanho reduzido para quatro páginas e se concentrará em um *app* de apostas focado em literatura — e em anúncios. Muitos anúncios. Seremos pop. Especificamente, um pop-up. O mais invasivo da história da literatura.

Mas que tipo de aposta? É aí que entra o pulo do gato (ou do pangolim). Tudo é apostável, meu amigo. Com a tecnologia LTMMFF (LifeTime/MoneyMoney/FaceFuck), desenvolvida pelo próprio McHaggis — “num feriado no Sudeste Asiático do qual pouco me orgulho” —, a convergência entre MacBET e RelevO nos permitirá elevar a literatura nacional a outro patamar. Quer apostar em conto de corno? Manda bala. Odds de erro de nome de autor? Vem com a gente. Que tal uma fezinha sobre poema ruim / mas qu-brad/o em /síl/abas tort/as pr/a disf/arç/(ar)? Está na hora de mudar a grafia de “ode” e adicionar outro T em beletrista.

Sir Reginald McHaggis, já atendendo como “Betinho” — preferimos não perguntar, muito menos verificar de onde veio o notavelmente falso “Sir” —, enxergou no RelevO a oportunidade ideal, porque “o RelevO é onde a banca nunca ganha. Isso passa credibilidade. Não que eu

precise de mais credibilidade...”, alegou, antes de simular um infarto e perceber que ninguém o via, então interromper o movimento como se nada tivesse acontecido. De todo modo, o momento é estratégico para o Jornal, que acaba de completar 15 anos, “idade perfeita para começar a punir os pais por terem guardado algum dinheiro”, aponta McHaggis. “E também quando as meninhas começam a...” — aqui nós o interrompemos antes de ouvir qualquer coisa de sua caixa preta. Velho nojento.

Na verdade, Betinho McHaggis é um Lorde, injustamente foragido do Reino Unido por supostamente aplicar um golpe nas apostas de *break dance* durante as últimas Olimpíadas. “Eu... meio que coloquei a modalidade lá. E todos os dançarinos. Garanti uns trocados — lógico —, todo mundo se divertiu, alguns estranharam, e aí eu te pergunto: isso não é meritocracia, poxa? Deu um trabalho danado”. Depois do primeiro Pix, também chamado de “sinal” pelos mais puritanos, descobrimos que McHaggis gosta de praticar caça ao faisão. Como o Brasil não tem tradição na modalidade, tampouco faisões, simplesmente ignoramos. “O javali que se cuide”.

Após comprar um castelo inutilizado na Escócia e convertê-lo em incubadora de *pub sports* (“quem joga sinuca não joga totó; quem joga totó não joga sinuca”), o empreendedor enxergou no Brasil uma oportunidade fantástica. O brasileiro médio já aposta no bicho, no jogo do tigrinho e no amor — por que não em sonetos? “E o Judiciário brasileiro está sobrecarregado, né”. Seu marketing de guerrilha começou com tudo: McHaggis fraudou saraus e torneios de poesia falada em Brasília — o que acabou fortalecendo a cena, afinal ninguém havia prestigiado nenhum deles. Não foi seu único *rendez-vous* na capital federal.

O CEO reforça como o movimento é estratégico. “Veja, o escritor e o apostador têm muitos traços comuns, como delírio de grandeza, descrença irracional no próprio fracasso e o destino certo da falência”. No mais, não se assustem se a partir de agora todo conto publicado no RelevO tiver um personagem chamado Betão. Odds um para cinco. Nos textos ainda mais curtos, será possível apostar nos talentos da primeira incubadora de leitura dinâmica do Brasil. “Todo mundo sabe que uma parcela significativa dos leitores compra jornal para ler umas duas coisas somente. Por que não facilitar e premiar o leitor que ler o jornal mais rápido?”, alega Betinho. “É só baixar um *app* e...” aqui deixamos de prestar atenção porque “bateu nossa múltipla” e ganhamos uns trocados. Ou alguma coisa assim. Ainda estamos aprendendo o vocabulário. Deu *green!*

O RelevO manteve os direitos sobre o pangolim fumante. Ele até tentou nos alertar, mas o dinheiro falou mais alto. Literatura é capim de trouxa: vem derreter seu patrimônio na MacBET!



CUPOM PROMOCIONAL

Instale o app escaneando o QR code e ganhe 100 reais para fazer suas primeiras apostas!





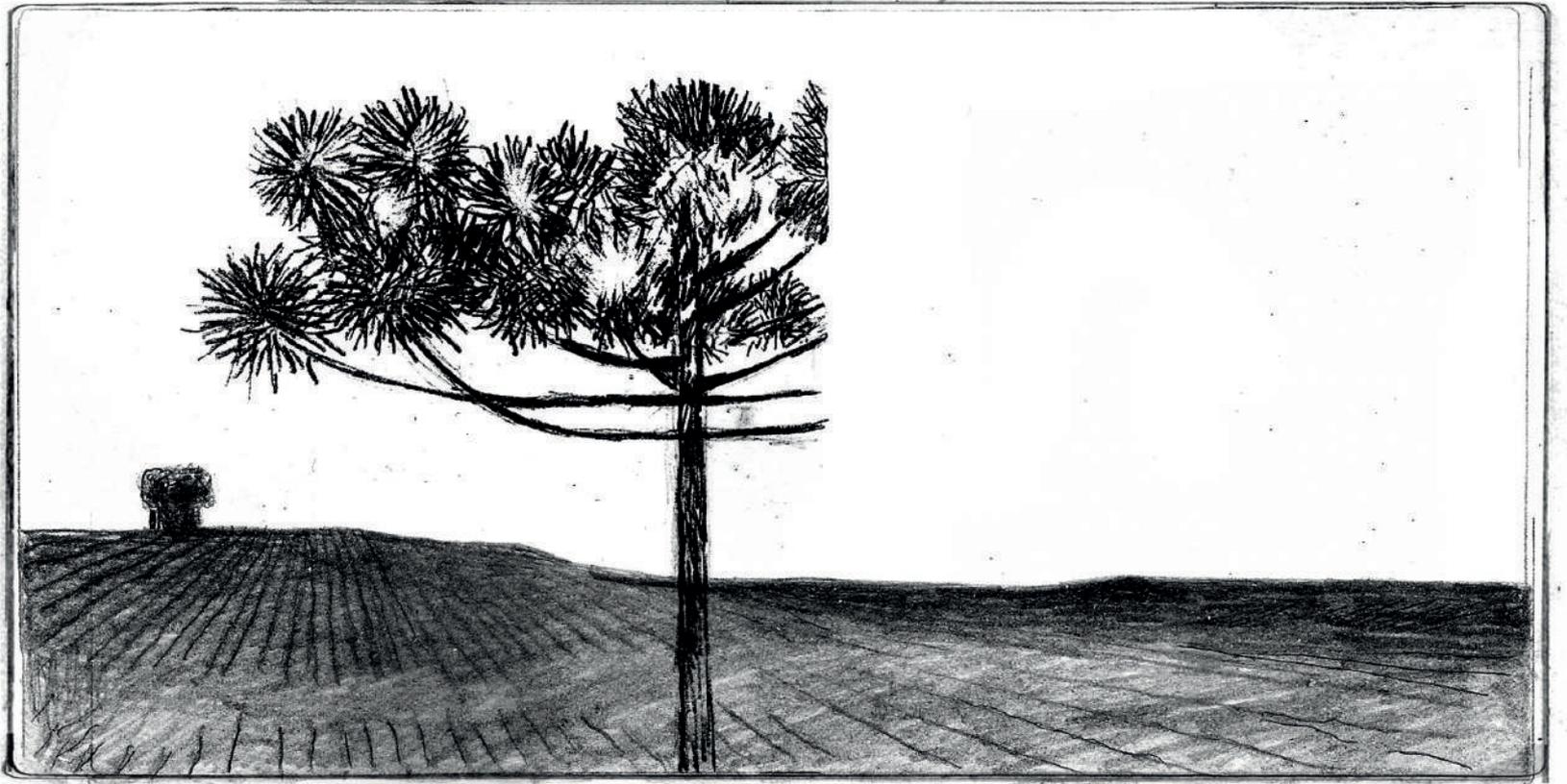
Sir Reginald McHaggis

CEO da MacBET e novo CEO do RelevO



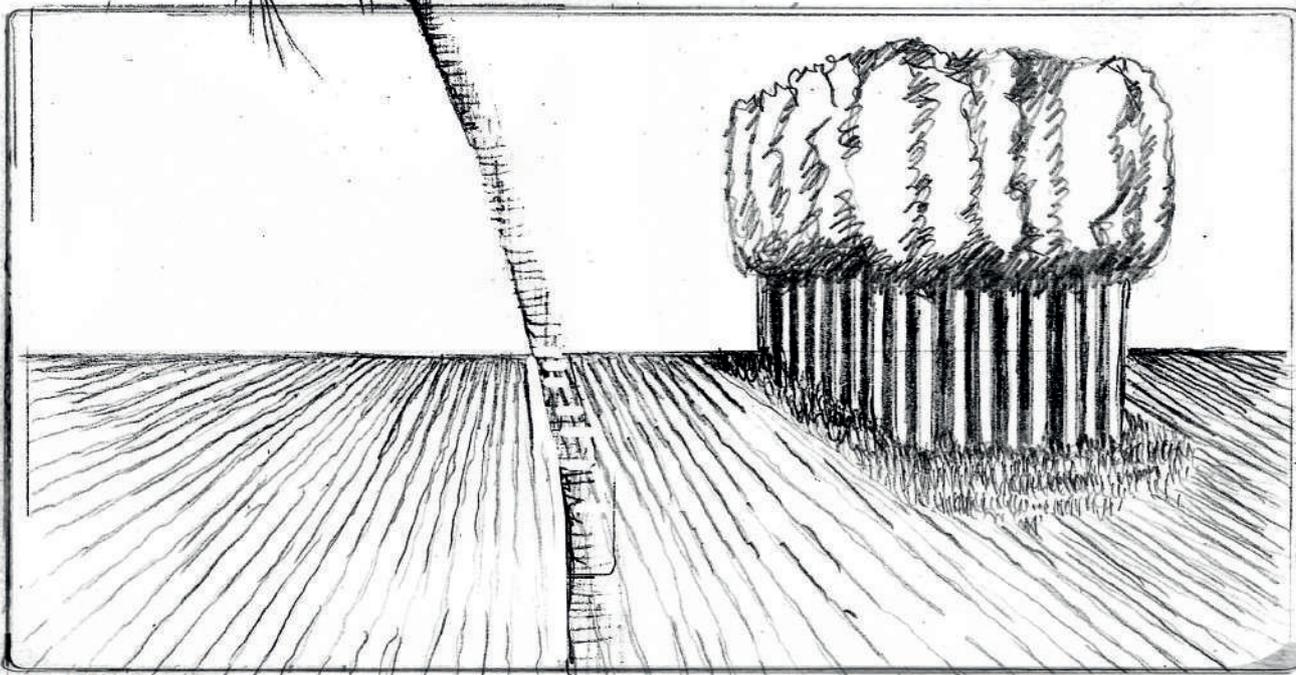
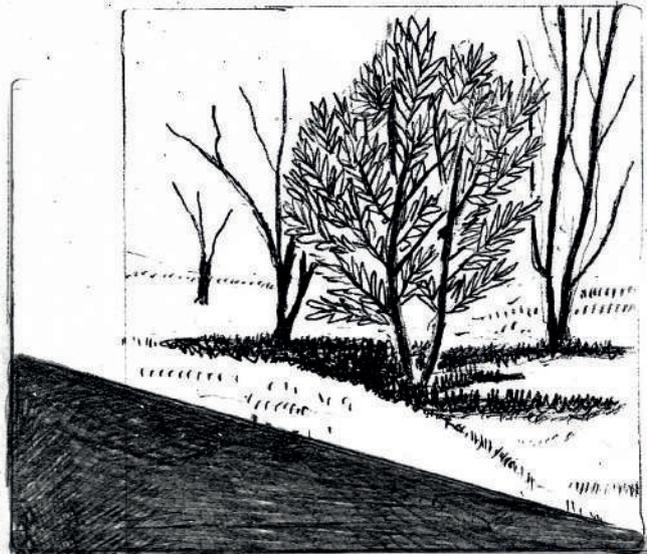
Daniel Zanella

Ex-CEO do RelevO e novo Forbes Under 30



RelevO

Setembro de 2025 / n. 1 a.16
ISSN 2525-2704 / Periódico
literário independente feito em
Curitiba-PR desde set/2010





DOS CUSTOS DA VIDA

+ RECEITA BRUTA



● ASSINATURAS R\$ 6.240

R\$ 15 Greyce Helen Siqueira Costa; **R\$ 70** Sissa Stecanella; **R\$ 80** Juarez Cognato; Claudio Boczon; Fernanda Frantz; Alice Guimarães; Catharina Alvarez; Ivo Korytowski; André Gobi; Gabriel Scurupa; Luiza Rosiete Gondin Cavalcante; Marina Gobetti Alves; Carolina Bataier; Kimberly Souza; Lucas Alexandre de Souza; Victor Wolfenbuttel; Taiana Bubniak; Heliberton Cesca; Hendryó André; Leandro Ghilardi; Diogo Azoubel; Verônica Ramalho Nunes; Marcio Rosa Azevedo; Bruno Costa; Marcelo Ferreira Ribas; Vinícius Santos; Davi Etelvino; Luisa Machado; Lucas Ferreira; Diego Pansani; Rosângela do Carmo; Yuri Campagnaro; Rafael Sousa Santos; Shelly Boil; Jorge Cardoso; Carolina Endo; Erick Lopes; Katharine Vie; Anderson Freixo; Lúcio de Carvalho; Thalita Neres; Fabíola Fontana; Leandro Grácia; Anderson Freixo; Flávio Otávio Ferreira; **R\$ 100** Aline Feitosa; Claudia Tajés; **R\$ 105** Utopia Tropical; **R\$ 110** Feliciano Tavares; **R\$ 120** Regis Mikail; Felipe Klein Gussoli; Octavio Stofel Oliveira; Pedro Ramos Martins; Melissa Schaikoski; Pedro Ribeiro; Bruno Alves; **R\$ 160** Renata Stuaní; Sebastiao Rodrigues Ferreira Filho; Andr Carvalho; Rafael Aggens; Cristiano Barros; **R\$ 200** Rômulo Cardoso; **R\$ 240** Rodrigo Favarete; **R\$ 320** Lucas Leite.

● ANUNCIANTES R\$ 3.070

R\$ 50 O Alienígena da Amazônia; **R\$ 70** Luiz Gustavo Vicente de Sá; **R\$ 100** Museu do Livro Esquecido; André Giusti; **R\$ 150** Curso Online de Formação de Escritores; **R\$ 200** Editora Litteralux; Luis Felipe Mayorga; Flávio Sanso; **R\$ 300** Hecho por Cami; Burocrata Carimbo; **R\$ 400** Maniacs; **R\$ 500** Cida Sepúlveda; Macabéa Edições.

● CONSULTORIAS R\$ 0

- DESPESAS DO MÊS

● CUSTOS ADMINISTRATIVOS E VARIÁVEIS

Correios R\$ 3.310
Transporte R\$ 200
Domínio mensal R\$ 45

● CUSTOS FIXOS

Gráfica R\$ 2.830

Escritório R\$ 300

Editor-assistente R\$ 400

Serviços editoriais R\$ 200

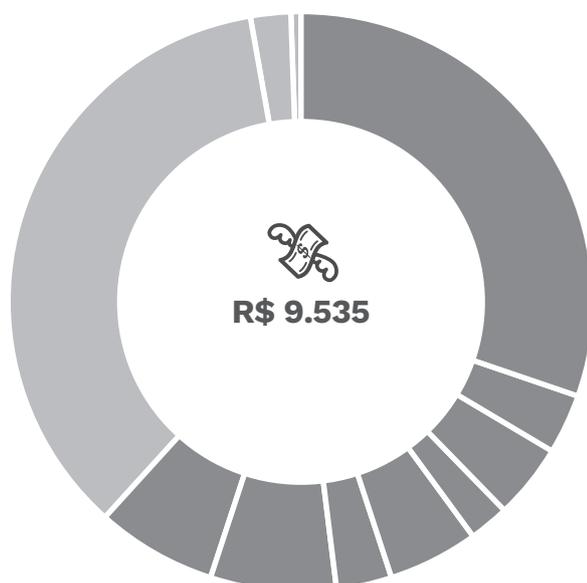
Serviços gráficos R\$ 450

Serviços logísticos R\$ 300

Mídias sociais R\$ 650

Colaboradores de agosto R\$ 600

Editor-executivo R\$ 0



? NUNCA VOU ENTENDER ESSE NEGÓCIO AÍ "NÚMEROS"

+ Entradas totais: R\$ 9.310

- Saídas totais: R\$ 9.535

⊖ Resultado operacional: R\$ -225



EXPEDIENTE

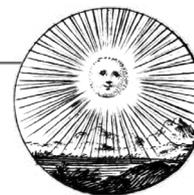
Setembro 2025



Editor Daniel Zanella
Editor-assistente Mateus Ribeirete
Ombudsman Rafael Maieiro
Revisão Às vezes
Projeto gráfico Bolívar Escobar
Advogado Rafael Estorilio
Impressão Gráfica Exceuni
Tiragem 4.500

∞ CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Nuno Rau



Edição finalizada em 28 de agosto de 2025.

🗨️ DAS OBRAS

As ilustrações desta edição são de Rodriguez. Você pode conferir mais do trabalho dele em [instagram.com/sergiorodriguez0377](https://www.instagram.com/sergiorodriguez0377).

📖 TIPOGRAFIA

A fonte usada para os títulos desta edição é a Capitolina, desenhada pelo designer curitibano Christopher Hammerschmidt.

📄 CAPA FALSA

A imagem da capa é uma montagem a partir da gravura "Lady Macbeth, Macbeth and the Murder of Duncan", feita por Charles Rolls em 1825 e disponibilizada pelo MetMuseum como domínio público.

ASSINE / ANUNCIE

O **Relevo** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes



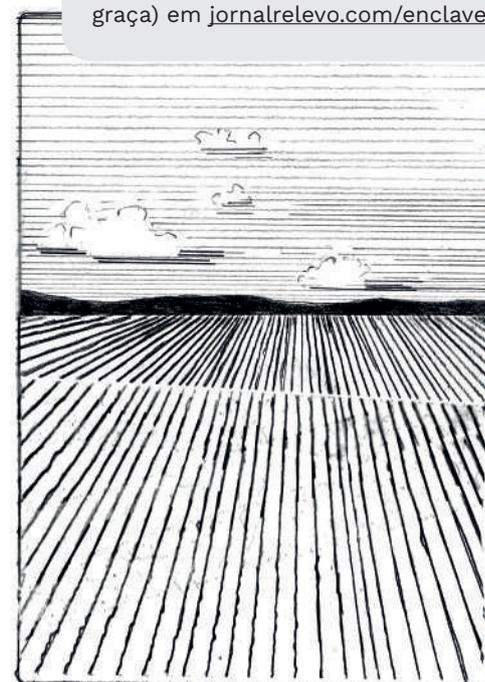
e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

P U B L I Q U E

O **Relevo** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **Relevo** recebe ilustrações. O **Relevo** recebe fotografias. O **Relevo** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama *Enclave* e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.





CARTAS

SÉRIE C

HenriHQ · Parabéns! Parabéns? Nenhuma respostinha malcriada na seção de cartas de julho. E olha que os chamaram até de Série C do Jornalismo literário! Eu até que gosto. Fui criado lendo espetadas na *Chiclete com Banana*, *Geraldão*, *Pasquim 21*, revista *Bundas*, *Casseta & Planeta*, *Rock Brigade*, *Dynamite*... Voltem! 😊

AO OMBUDSMAN, SEM PASSAR PELO EDITOR (ESTAGIÁRIO, PRESTA ATENÇÃO!)

Vanessa Fagundes · Quero dizer que notei: o desespero velado do ombudsman por críticas relevantes (ah há) que, sem pretensão de obscurecer o narcisismo do editor — há mal em um pouco de autoestima? —, melhorem o jornal como um todo (e deem sentido ao seu trabalho, claro). Assim, quero dizer que também notei o excesso de espaço (físico e textual) para as autorreferências. Na edição de agosto, na qual meu nome aparece como nova assinante e vai render uma sublinhada aqui (esse adendo era relevante), também teve o texto falando da tipografia, que perdeu a oportunidade de ser uma pequena nota. Será que esse editorial não caberia na mesma página da entrevista agoniada do ombudsman? Manda o estagiário levar tarja-preta para quem de direito. Vejo o desperdício de espaço precioso e escasso, com diagramação errada. Os “cinco sonetos” da edição de maio, caberiam numa única página, não? Também entendo a importância artística da ilustração, mas em agosto foram quase três páginas isoladas só para isso... As traduções de junho, não caberiam todas, também, em uma página? Está faltando texto para o jornal? Estou me esforçando aqui, fazendo sobrar espaço para mais contos ou, quem sabe, colunas fixas de temas como astronomia, cinema (o texto da HBO ficou ótimo) e qualquer outro assunto nerd que me agrade. Vocês estão acostumados com o elogio óbvio e recorrente dos saudosistas do papel impresso, mas está na hora de lidarem com quem lê o conteúdo, além de cheirar as páginas! Bom, meu trabalho está pronto, por ora... Já disse que amo vocês?

Fabrcio Dias · Bom dia, boa tarde, boa noite. Sei que há muitas possibilidades abrangendo o que um autor pode submeter à análise de vocês, mas encaro hoje uma dúvida, e esta vem-se alimentando cada vez mais: tendo em vista que o itinerário descarta trabalhos que ao meu ver, em minha visão, seriam mornos e insossos (sem sal \gosto), que pouco tem de personalidade, fracos ou muito verdes, imaturos. Encontro a falta de trabalhos de cunho ácido, pecaminoso, bárbaro, sedutor, polêmico e crítico na sociedade. Na minha interpretação, existe um grande pêndulo de bom senso nas escolhas dos materiais a serem editados na edição, é algo indispensável a ela, para o sucesso do itinerário, que torna-o brilhante nesse sentido. Este (o pêndulo) tende sempre entre bons materiais dos mais variados que sejam enviados, embora seja excelente, ele não é claro. Entendo esse seu porquê de não ser objetivo, pela metade, é claro. Os trabalhos artísticos não são óbvios e têm uma alta carga interpretativa. Fica uma visão que os textos conversam entre si, porém não se desafiam, não oferecem um

ponto de vista fora do habitual no mundo literário, parecem ser temas fashion da década. As crônicas são o perfeito estado disso o que me refiro. Minha crítica em nenhum momento se trata das escolhas editoriais, inclusive nesse texto acima não há críticas, nem sequer deve pensar de tal modo. Há somente uma pergunta: qual é o limite do **Relevo**? Desde já, grato por qualquer resposta que vier.

Rinaldo Batista Pereira · Lendo aqui a edição de agosto, chamou minha atenção a nota em escuro logo após o bem feito “conto da pintora e o garçom vesgo”, página 8. Assustadora a narrativa da plantação do eucalipto até o jornal na minha mão. Lembrei da viagem que fizemos (minha esposa, Lidia, e eu) à cidade de Uberaba-MG. Ela quis que eu conhecesse o hotel, antigo casarão, em que ela ficou hospedada e onde também se hospedou Juscelino Kubitschek. Rodando a esmo numa estrada local, passamos por uma plantação infundável de eucaliptos, dos dois lados da pista. Foi uma visão monstruosa. Parecia que seríamos tragados por aquelas árvores gigantes e magricelas, balançando-se como soldados em marcha. Essa imagem ficou gravada em nossas memórias como perturbadora realidade. Finalmente, o campo DESPESAS DO MÊS mostra um resultado positivo. A estratégia do aumento do valor mínimo da assinatura tinha mesmo que ser aplicada. R\$22 é muito melhor que -R\$258.

Rozana Gastaldi Cominal · E que flash é a vida do **Relevo**! Deve ser por conta da experimentação das fontes usadas. Ponto também para as ilustrações de Paulo Apgáua. Vida que segue com a poesia na ordem do dia apesar dos ventos arredios. Pelos olhos de Felipe Abeijón, “zoom e penumbra nos fragmentos borrados: “o poeta é um animal noturno”. Vamos espiar o mundo com Bruma nada leve: “quando a terra pariu aquilo” fissa nossas pupilas. Seguidos de dois blackouts, de Diego Pansani — chão habitado por fantasmas e arma quente. A conferir com Thainá Carvalho se tem manual, migração ou fim-fim. No mais, quarta-feira de Elizandra Sabino Marques é convite para “o amanhã ainda não imaginado”. Que assombro ver a “terra reduzida a nada, nada mais, meu amor... será o fim da odisseia terrestre”... mas dá tempo de apostar no 22! Parabéns pelo debu! Agradeço pelo conteúdo em papel jornal e via digital. Tem sido divertido acompanhar a saga deste **Relevo** e seus desafios: “não há permanência sem repetição”. Quem sabe mais uma década ainda porque é “um jornal que insiste em existir de novo”.

Francirene Gripp de Oliveira · Olá, Jornal! Assinei a versão impressa recentemente e, quando os números de maio, junho e julho chegaram, eu estava ausente de BH. Depois, com eles nas mãos, me sentei na poltrona da sala que nem antigamente, e fui saborear página por página as três edições. Todas tão atraentes e ricas em temas, tanto que senti dificuldade em escolher por qual começar! Tudo em papel, papelzinho, que delícia! Aquele mesmo que nos disseram que devemos poupar

para salvar o planeta, atitude que continua refugada em escala gigantesca pelos donos do mundo digital, entre outros maiores. Enfim, não é disso que quero falar, mas da alegria de não ter pop-up nenhum me interrompendo, tentando me vender o que não desejo comprar, multidões se inserindo entre a minha tela, os meus olhos, e a mente, claro. Só ligação direta, que show! (Afinal, não nasci no meio digital, me considero uma híbrida) Acabei de receber o número de agosto, que lerei com prazer, agradecida! Ps.: continuo preocupada com o aquecimento global! Um abraço geral.

Feliciano Tavares Monteiro · Caros, fiz uma remessa para vocês. Tenho muito interesse em renovar a assinatura. Se o dindin for a mais, reservem o restante para iniciar um memorial. Urge guardar os exemplares da imprensa escrita para que as futuras gerações saibam das dificuldades, e delícias, de se ler um jornal propriamente dito. E somente o RELEVO pode dar o 1º passo na preservação de uma indispensável memória das letras.

Rene Licht · Olá, **Relevo**! Escrevo sobre a edição de julho que chegou apenas em 30 de agosto. Reclamei do atraso e gostei do modo como fui atendido. Ponto para a equipe! Sugiro que os assinantes sejam informados quando os exemplares começarem a ser enviados pelo correio. Facilita o acompanhamento. A edição de julho agradou-me especialmente. A melhor que recebi até agora. Lucas Carneiro com “Descaminhos da crítica...”; Maria Clara com “No calo”; “Baby Hub”; “Ayrton Senna...”; Leonardo Meneghini com “O caminhar de...” foram saboreados com juízo. Ainda decepcionado por constatar que na região do grande ABC não há ponto algum de distribuição do Jornal. Tenhamos paciência, pois as coisas não andam fáceis. Agradeço a cada membro da equipe que lapida essa joia em alto relevo.

Vera Nogueira · Olá. Obrigada. Desculpe, não vou assinar. Já enviei colaboração e meu texto foi recusado. Um abraço e sucesso.

Marcela Matarezi · Vocês não vão acreditar... A edição de julho veio também no endereço da nova cidade, e com um livreto incrível junto. Eu amei, é isso, obrigada. Sigo passando a palavra de vocês para todos os pensantes curiosos que conheço e assinando o Jornal a cada novo CEP. Sabe o que reparei? Que o fim da assinatura sempre coincide com a minha troca de cidade (ao menos nas 2 últimas vezes). Auspicioso ou eu que me mudou muito. Enfim... que bom assinar vocês. Inté!

Rafael Moretti · Descobri o jornal numa visita ao Sebinho de Mirandópolis, aqui em SP, e gostei bastante!

Matheus Florio · Oioi! Obrigada por compartilhar o retorno nas cartas dos leitores! Que incrível ver o que um texto é capaz de fazer. Vocês são foda!

Greyce Helen · Oiê, chegaram os jornais. Estou fascinada com a sagacidade de vocês, material de

alta qualidade. Quando eu sair do zero da conta, mando alguma doação.

Aran · Salve! Recebi o **Relevo** e estou adorando. Sou um entusiasta da mídia impressa e do bom humor, então o jornal foi feito pra mim. Queria mandar meu livro *Quincas Borba e o Nosferatu* pra vocês. Se lerem e não gostarem, podem presentear um desafeto. Pra onde envio?

Marcelo Ferreira Ribas · Obrigado, pessoal, eu sinceramente amo esse jornal. É, pra mim, um refúgio parar e lê-lo. Continuamos juntos!

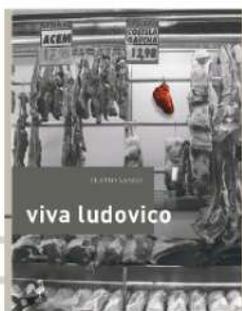
Matilde Garcias · Gosto muito do vosso trabalho mesmo, das poucas revistas que admiro profundamente.

Andrieli Oliveira · Tamanha foi minha surpresa e satisfação ao me deparar com um **Relevo** quentinho na Gruta do Bacaetava (mês passado), em Colombo. Obrigada aos apoiadores. Em breve serei uma também, vou lá todo ano com a minha família, em agosto, é uma tradição de aniversário. Ah, também escrevo, qualquer dia submeto uma crônica de uma jovem bebendo uísque num bar esfumaçado, desiludida com a vida.

Abel Sidney · Sempre acreditei que boas causas e propósitos são significativos pelo que são e não podem ser avaliados por números. Na cauda longa há espaço para ideias e projetos maravilhosos de milhares ou poucas unidades de apoiadores. Se é boa semente, vingará. Fará pequeno jardim ou reserva biológica, centro de criação e distribuição de mudas ou ambiente de exposição. Sempre sobrevive, sempre espalha boas ideias e práticas. E o melhor: une pessoas, forja laços, fazendo até nascer novos negócios. Vida longa ao **Relevo**!

Luis Felipe Mayorga · Muito bacana conhecer esse princípio que move esse tremendo e teimoso esforço literário. E uma coincidência: a organização em que trabalho, que sustenta minha família hoje, também foi fundada há 15 anos. No mês de outubro. Eu também era um universitário de fraldas, e também enfrentei desafios nada simplórios. E ainda assim, na estabilidade atual, muitas vezes o acúmulo de desafios me desanima, suga minha energia e me dá vontade de fugir. Dizer que “sempre” seria exagero, mas vamos lá; às vezes quando estou diante de um estresse de alta magnitude e fico desmotivado, me pergunto o que o Jornal **Relevo** faria. Um jornaleco que apanha, apanha e apanha. Cai no chão sob a contagem do árbitro. E levanta antes de se entregar, para apanhar novamente em mais um round. É, não posso reclamar. Quando me dou conta de que esse periódico insiste em existir mês após mês, fico com vergonha de meus impulsos desistentes. Sua teimosia renova a minha teimosia. Vida longa ao **Relevo**!

Alan Mills · Estou entrando em contato com você para discutir um projeto de investimento. Represento um cliente que deseja investir no Brasil. Fornecerei mais informações após sua resposta.


EDITORIAL


Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

15 anos em 15 anos

Em setembro de 2025, um quarto de século, o **RelevO** completará 15 anos de vida. Isso equivale a mais de 5 mil dias exatos de insistência, invenção, tropeços e recomeços dentro de formas diferentes de fazer. Para um jornal independente de literatura, cada dia é um pequeno dado jogado a um destino incerto: sobreviver em meio ao mercado editorial brasileiro, onde fazer literatura nunca foi tarefa simples, sobreviver em meio à indiferença que atravessa o ato de ler. Bem, um certo ato de teimosia.

E pensar que tudo começou com um jornal de oito páginas, mil exemplares e apenas três pontos de distribuição em Araucária e Curitiba, basicamente nos corredores da Universidade Positivo. O editor era estudante e queria ter um jornal para chamar de seu. Sabia diagramar um pouco e conhecia gente que escrevia. Era pouco, mas era o que tinha. Era, sobretudo, o que se podia fazer: juntar palavras, imprimir o que desse com 300 reais de orçamento, acreditar que alguém gostaria de ler. O **RelevO** foi um gesto nascido do desejo de imprimir literatura por quem gosta de ler para quem gosta de ler. As demais interpretações sempre flertam com o exagero. Hoje, olhando para trás, entendemos que aquela simplicidade não foi um acidente – foi a marca que nunca abandonaria nossa trajetória.

Afinal, o que segue como aquilo que chamamos de **RelevO**? Seguimos como um modesto jornal de papel com textos de literatura, um projeto simples que atravessou as transformações de diferentes ecossistemas da comunicação fazendo exatamente o que fez desde a primeira edição: publicar de maneira impressa. É a circulação de erros e acertos, de fracassos que ensinaram e de descobertas que nos deram fôlego. Já fomos chamados de velhos, já nos chamaram de anacrônicos, já nos mandaram ser

digitais – e ainda mandam. Contudo, longe de nós aproveitar uma efeméride com qualquer indício de rancor.

Talvez a maior graça de tudo esteja justamente nisso: resistir à obviedade de dar errado. Sempre, ao nosso modo, duvidamos das fórmulas prontas dos novos arautos tecnológicos. Insistimos que o papel não morreu porque, enfim, o formato tem suas vantagens e desvantagens (como qualquer coisa na vida). Melhor ainda: insistimos que o papel pode ser uma alternativa, que ler pode ser uma alternativa, que pode ser uma companhia.

15 anos também são feitos de repetições. Um jornal só existe porque se repete. A cada mês, o ciclo recomeça: pensar, editar, revisar, imprimir, distribuir. Assim foram 15 anos, assim podemos definir nossos últimos 15 meses, os próximos 15 dias, os atuais 15 minutos. O **RelevO** é a continuidade de cada dia em que abrimos o e-mail; conferimos notificações nas redes sociais; verificamos quem mandou texto novo; atrasamos devolutivas de quem mandou texto novo, reenviamos exemplares que se perderam no caminho. Somos a soma em série de instantes cujo resultado é algo que compila o intervalo de 30 dias: o tempo lento da página impressa e o tempo rápido da leitura de quem a recebe. É ritmo, é repetição, é a mesma ação refeita 197 vezes com a mera diferença que somente a personalidade de cada mês sabe acrescentar.

Talvez essa seja a única lição de 15 anos: compreender que não há permanência sem repetição. Somos um jornal que insiste em existir de novo. Muito obrigado a todos que fizeram parte desta trajetória, aos assinantes atuais, aos projetos que anunciam conosco, aos ex-assinantes que, em algum momento dessa jornada, também estiveram conosco. A casa está sempre de portas abertas. A nossa ideia de infinito se cruza com o ato cotidiano de acordar.

Uma boa leitura a todos.


APOIADORES


**MARLON REIS
& ESTORILIO**
ADVOCACIA



BANCA TATUI

bancatatu.com.br / Desenho por Ángela León

Mangrar

Sobre editoriais, leitores e espaços em branco — sobretudo, uma menagem

Rafael Maieiro

Fui ao *Dicionário analógico da Língua Portuguesa* (Lexikon, 2010), de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, instrumento *cult* indispensável para candidatos ao Camões. Minha intenção? Encontrar um palavrório que servisse de título para o deleite dos nobilíssimos não leitores deste espaço.

Aliás, minto: agora temos uma leitora, Vanessa Fagundes. Ela enviou uma mensagem só para mim. Aplausos, vaias... e o silêncio de um tarja preta. Todo feliz, resumo as exigências da assinante: menos autorreferência, mudanças na ergonomia do impresso (menos espaços em branco e ilustrações, mais textos) e a fusão (ou algo assim) entre esta coluna e o editorial.

Concordo com o primeiro e o último ponto. Aqui talvez seja o espaço mais egoico do jornal e, por isso, deva rodar pela água abaixo, rs. Será que peço demissão? Acho que não, rs. Prefiro ser demitido! Faço piquete, hein.

Agora, sobre o ponto dois, o projeto gráfico do jornal, discordo completamente da leitora. Diz Mário Quintana no *Porta giratória* (Globo, 2007): “Escreveria essa palavra bem no meio da página, com espaço em branco para todos os lados, como um campo aberto aos devaneios do leitor.”

Precisamos arejar o papel, Vanessa. Nesse sentido, exerço a pelegagem. Defendo o patrão, opa, o editor.

Por último, peço um brinde ao cartunista Jaguar — confesso que ainda bebo! —, e deixo um poema (ele vai ficar puto da vida, acho) dedicado a Fausto Wolff. O Lobo foi tomar um porre com Jesus Cristo no dia 5 de setembro de 2008 e nunca mais voltou.

*

p/ Fausto Wolff e ZH

não enlouquecer e nem lucrar com a loucura dos outros
dosou o Lobo aos que vivem à beira do abismo
aos poetas que rasgam a blusa
apontam para o mamilo esquerdo

[...] segura o cano do revólver, sente o frio do aço, o mamilo arrepiado, a mão do verdugo treme, tremula:

— Atira aqui, seu merda! — declama o poeta.

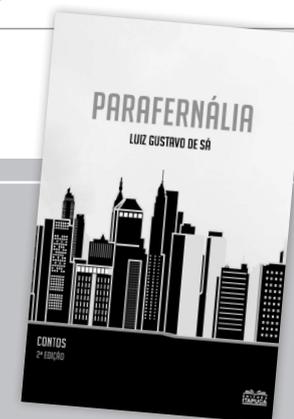
a vida só nos reconhece na fusão mais vulgar do ato fundamental da coragem com a sanidade que só será nomeado como ato
como flor cortante em formato de alameda
se vencermos o abismo compulsório

ela quer a vida quer exercer a sua vontade de implodir este tempo já cansado

&

espiralar numa velocidade alucinante até num átimo
criar o ser quando momentaneamente desesperado
olhe para um arco um abraço uma ponte

e elas respondam



Relançado pela editora Itapuca, o livro de contos **Parafernália**, de Luiz Gustavo de Sá, chega à sua segunda edição. A partir de encontros inesperados e solidões mal resolvidas, os contos de **Parafernália** nos colocam diante de personagens demasiadamente humanos, flagrados em momentos de perplexidade e inquietude, quando o cotidiano parece assumir, repentinamente, outra dimensão. A galeria de tipos apresentados é variada: o homem perseguido por um candidato político; a professora viciada em sapatos; o guia de uma atração turística desinteressante; o corredor de rua entediado; a vendedora dançante. Às vezes divertidas, outras vezes líricas, as histórias que compõem a obra, com frequência, nos convidam a refletir sobre como enxergamos o comportamento do outro, nem sempre coerente para nós à primeira vista.

Parafernália (2a Edição)

Luiz Gustavo de Sá

R\$ 39,90

118 p., Itapuca, 2025

editoraitapuca.com.br/pd-9787e7-parafernalia-2a-edicao

Editora
Litteralux
Porque livros iluminam
www.editoralitteralux.com.br

+ de 1.700 títulos
publicados desde 2012



**BONS
VENTOS
trazem
BOAS
LEITURAS**



EDITORAMONINHOS
COM.BR

EDITORAMONINHOS

*você tem
um livro de poesia?*

*nós temos
seus leitores*

envie um email para
contato@fazia poesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal *Fazia Poesia*

Quer publicar com a gente?

Escreva para:
originais@editoralitteralux.com.br



Editora Litteralux | Litteralux Editora | @editoralitteralux | litteralux@editoralitteralux.com.br



A COMPLICAÇÃO DE SIMPLÍCIO

Anderson Soares Freixo

Simplício Furtado de Deus era um rapaz complicado. Sofria de problemas inominados, mas suspeitava que seu mais sério problema era falta de vocabulário. Também se achava muito inconstante, embora esse problema só o incomodasse de vez em quando. Às vezes, acordava com vontade de dominar o mundo, passava o resto do dia triste, dormia com raiva e tinha sonhos de amor. Outras vezes, acordava com vontade de dominar a raiva, passava o resto do dia amando, dormia com o mundo e tinha sonhos tristes. Outras vezes ainda, acordava com vontade de dominar o dia, passava o resto do amor no mundo, dormia triste e sonhava de raiva, e por aí vai.

Antes de Simplício chegar à conclusão de que era burro demais pra ser poeta, tentou resolver seu problema dedicando-se às artes, pois sempre suspeitou que seu suposto desequilíbrio fosse um pré-requisito pra ser um artista de sucesso. Mal sabia ele que o único pré-requisito para ser um artista de sucesso é não ter talento algum, o que era justamente o caso dele. De qualquer maneira, aventurou-se na arte da escrita poética. Mas, por um triste acaso do destino, ao terminar de escrever o pior poema de sua vida, se encontrava num estado de grande euforia e saiu por aí recitando-o para todos, se achando o maior dos gênios.

Infelizmente, Simplício era rodeado por pessoas muito sinceras, que não hesitaram em tecer as críticas mais honestas, e por isso mesmo as mais cruéis, ao poema de Simplício, sendo a mais notável a de Raimundo, o agente de trânsito que afirmou já ter visto colisões de carreta mais bonitas que seu poema. Essas declarações levaram o pobre Simplício a um perigoso período de profunda introspecção e baixa autoestima. Foi justamente nesse momento que ele escreveu seu melhor poema. Não só o seu melhor poema, mas o melhor poema deste século (o que não é grande coisa, visto que o século começou não faz muito tempo, mas mesmo assim). Porém, Simplício andava tão desiludido que ao terminar de escrevê-lo, amassou o papel e jogou fora.

Descrente de suas próprias capacidades e ainda atormentado por sua constante inconstância, resolveu

que seu problema era patológico e foi a um psicanalista. Depois de uma sessão de uma hora, que se resumiu a um denso e metafísico monólogo de Simplício acerca da vida e de sua própria existência, o profissional declarou que não poderia fazer nada por ele e tornou-se alcoólatra. Não se sabe se isso teve alguma relação com a consulta ou se foi mera coincidência.

Descrente também das capacidades da medicina tradicional, da psicanálise, do *thetahhealing* e do zen budismo, Simplício resolveu viajar para o Acre para se consultar com um pajé. Seu nome era Araquepiquesaraquanhade. Aliás, este era seu apelido, pois seu nome é muito extenso, e significa “A poderosa luz de tom amarelo-esverdeado que expulsa a treva da sombra absoluta da alma de todo homem bom”, e foi-lhe dado por uma numeróloga incompetente.

Simplício explicou seu problema para o pajé através de um intérprete. Deu muito trabalho, já que no dialeto do místico não existe a palavra “inominado”, tendo como equivalente mais próximo desta palavra justamente a falta de alguma palavra. O rapaz conseguiu explicar, porém, que queria resolver seu problema de inconstância, e após um ritual de três dias em que Simplício tomou 14 chás de diferentes ervas, o rapaz teve uma terrível caganeira. Isso porque, na língua do pajé, a palavra que significa “inconstância” se diferencia da que significa “prisão de ventre” apenas pela mudança da sílaba tônica.

Depois que entendeu-se o mal-entendido, o pajé desculpou-se com Simplício (na verdade, o xamã deu um esporro no intérprete, mas este optou pela outra tradução), e foram necessários mais três dias de ritual e mais 14 chás de diferentes ervas (diferentes das diferentes ervas anteriores) para que o organismo de Simplício voltasse ao normal. Depois disso, iniciou-se o ritual para solucionar de uma vez por todas o problema de Simplício.

Após três dias de ritual e 14 chás de diferentes ervas (diferentes das primeiras diferentes ervas e das diferentes ervas anteriores, que eram diferentes das diferentes ervas iniciais), Simplício foi acometido por outra terrível dor de barriga, mas esta foi ocasionada apenas pela ingestão excessiva de diferentes ervas, o que não impediu que o ritual prosseguisse normalmente. Finalmente, no nono dia de ritual de chás diferentes, Simplício caiu em um sono profundo.

Quando acordou, sentiu-se muito angustiado, tomado por uma tristeza indizível. Em sua mente, até suas lembranças mais felizes se desbotaram, tornando-se apenas registros desapaixonados de eventos passados. Teve até ânsia de vômito ao perceber com tanta clareza que todos nós corremos em direção ao precipício da morte e que o que nos fez feliz não voltará jamais. Levantou-se da esteira já aos prantos, na intenção de perguntar para o pajé que porra era aquela, quando de repente ouviu sua própria voz do lado de fora da oca em que dormira.

O rapaz nada entendeu. Entendeu menos ainda o nada que havia entendido quando resolveu sair da oca e

visualizou, do lado de fora, uma triplicação de si. Enquanto um Simplício abraçava, beijava e declarava seu amor por uma jaqueira, outro Simplício xingava e ameaçava agredir um outro Simplício que estava deitado no chão dando gargalhadas. De cara, sentiu destroçar-se dentro de si o vago consolo de achar que era um ser especial, porque agora existiam quatro dele mesmo. Desnecessário dizer que tal sentimento colaborou muito para deixar sua já crescente depressão num nível quase insuportável.

O intérprete explicou para o Simplício entristecido que o trabalho de deixá-lo constante era muito complicado, de forma que o xamã resolveu fazer uma gambiarra qualquer e separou as quatro fases mais marcantes de seu comportamento inconstante em quatro Simplícios diferentes. Dessa forma existiriam quatro Simplícios menos inconstantes.

A primeira coisa que pensou foi que só tinha dinheiro pra pagar a passagem de volta de um ele mesmo. Parecia razoável que o dinheiro que tinha quando era um só devesse agora ser rateado igualmente entre os quatro, mas, para o contentamento do Simplício descontente, o problema se resolveu sozinho, pois os outros Simplícios não se importavam de ficar por ali mesmo. Um porque já tinha desenvolvido um relacionamento sério com a jaqueira, outro porque achava que conseguia se virar em qualquer lugar, e outro porque tinha raiva da pantomima das comissárias de bordo. Assim, o Simplício triste, triste, retornou sozinho para a cidade na qual morava.

O quadriplício não se encontrou novamente, e tal encontro jamais ocorrerá, pois passados três meses do ocorrido, o Simplício triste recebeu uma correspondência do Acre:

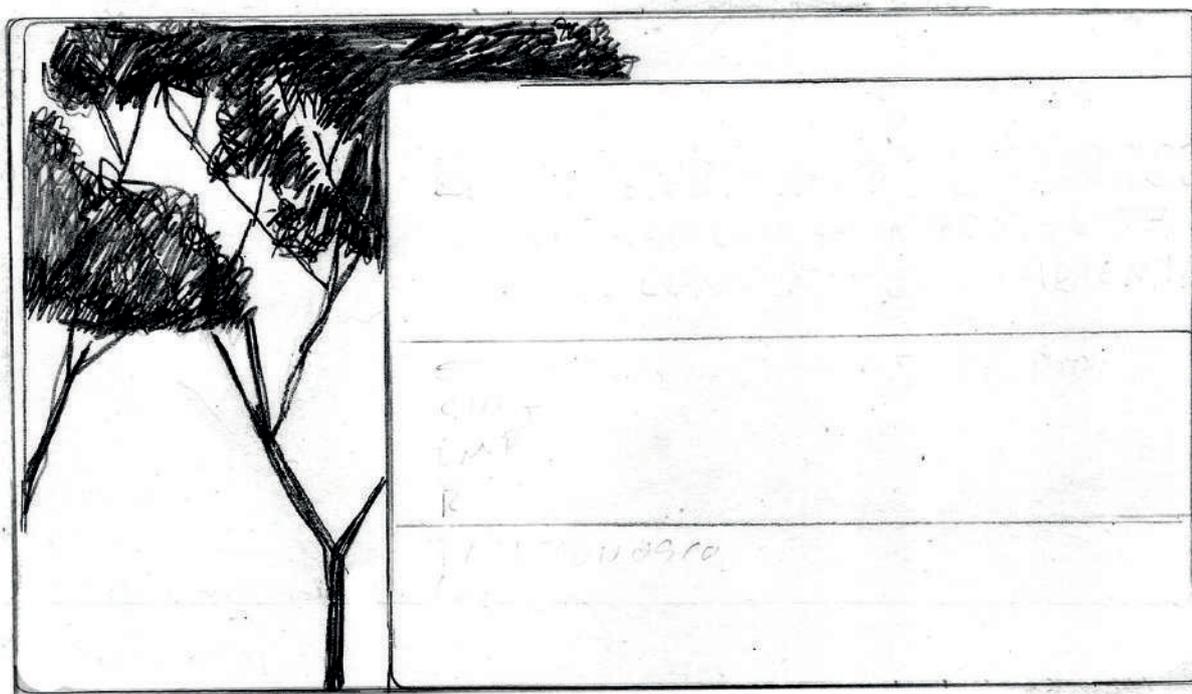
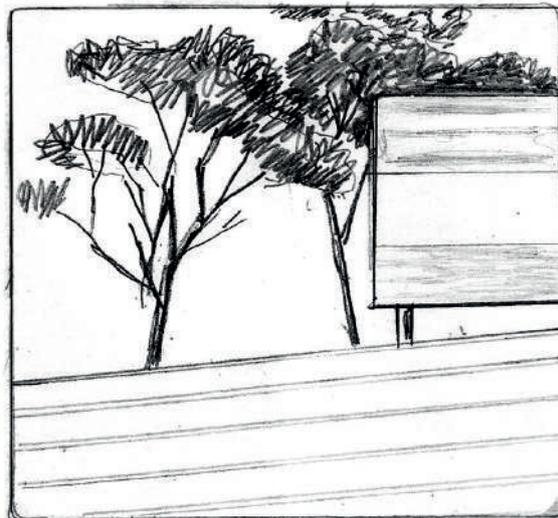
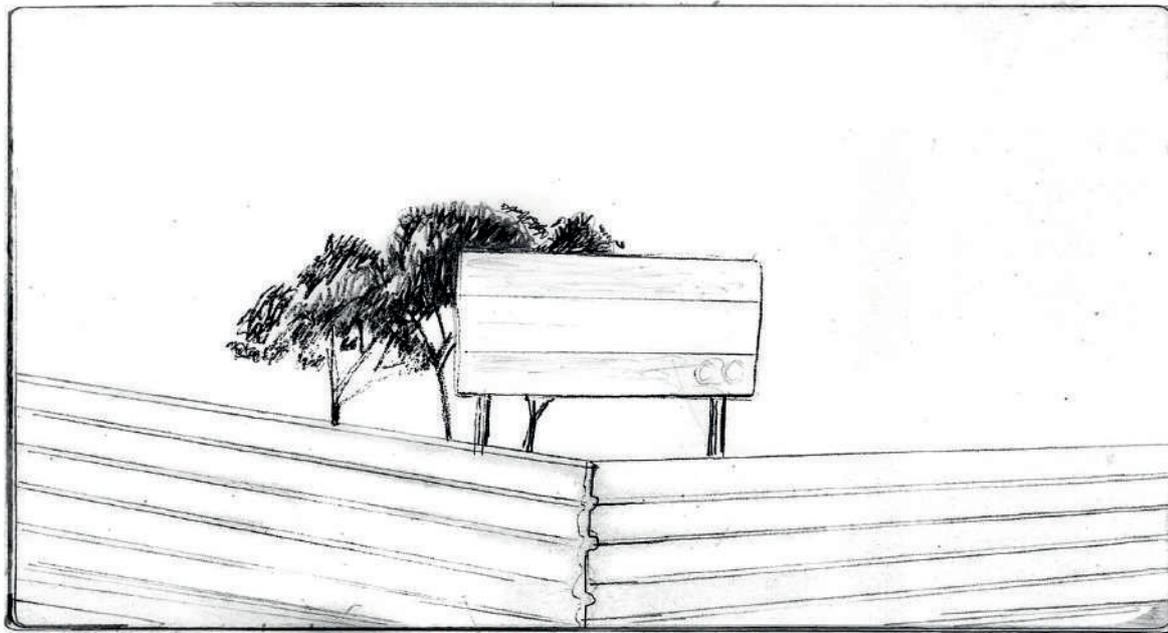
“Caro um dos Simplícios, temo que deverei ser eu o portador de palavras tão tristes, mas é minha obrigação informar que seus três quartos restantes vieram todos a falecer: o Simplício mais temperamental esgotou sua paciência com os outros dois Simplícios e acabou cometendo um duplício, e este, imediatamente depois do ocorrido, foi atingido por quatro tiros a queima-roupa (mesmo estando sem camisa) pelo capanga de um fazendeiro local. Com a chegada da polícia, o capanga foi preso em flagrante e culpado pela morte dos três Simplícios e agora responde por homicídio triplamente qualificado. Segundo alguns relatos, o fazendeiro teria mandado executar Simplício depois de saber de um episódio em que o Simplício da jaqueira abraçou e beijou a mulher do fazendeiro e disse que a amava (embora alguns afirmem que o capanga realizou o trabalho a mando da jaqueira). Não sabendo da quadriplificação dos Simplícios, o capanga atirou no primeiro Simplício que viu.

Presto meus pêsames ao senhor Simplício que resta, Assinado: o intérprete.”

Infelizmente, o Simplício que restava jamais leu a tal carta: suicidara-se cinco dias antes. Não aguentara o suplício.



Av. Nossa Senhora da Luz, 223,
Bacacheri, Curitiba-PR



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

BOMBA:

Você está lendo o Jornal Relevo





No caixa

Ângela Marta Emídio

– Próximo! – gritou Viviane do caixa.
 – *Que sono! A festa tava tão boa. Ah, se eu não tivesse que trabalhar tão cedo!* – pensou e bocejou entediada, esperando a cliente despejar os produtos na esteira.
 – Bom dia!
 – Bom dia! – respondeu a cliente.
 – *Alecrim, arruda, sal grosso, vela, incenso... hoje tem despacho* – pensou.
 – Cinquenta e três e noventa. Débito ou crédito?
 – Próximo!
 – *Ah, não! A ex do meu pai* – lamentou a moça, vendo a mulher fazendo questão de passar pelo seu caixa.
 – *Esteticista desempregada com essa cara manchada. Eu ao menos tenho como pagar minhas contas* – pensava com desdém.
 – E aí, Viviane, tudo bem? Seu pai já depositou a pensão? – perguntou a moça mascando chiclete.
 – Oi, Lorraine. Sabe que eu não sei? Pergunta pra ele – falou com descaso.
 – *Baby doll, esmalte vermelho, calcinha fio dental... Que biscate!*
 – Fala pra ele depositar logo, ok? Beijis.
 – Vaca...
 – Próximo!
 – *Orelha de porco, pé de porco, linguiça, feijão, cerveja... Opa! Me convida que eu vou* – pensou sorrindo.

– Próximo!
 – Bom dia. É pra entregar – disse a cliente com pressa.
 – *Óleo da promoção, sobrecoxa da promoção, papel higiênico da promoção, sabão em pó...*
 – O sabão em pó não está na promoção?
 – Não, senhora, a promoção foi até ontem.
 – Então cancela. Não vou levar.
 – *Francamente! Por alguns centavos de diferença? E ainda atrasa a fila toda* – Viviane pensava aborrecida.
 – Fiscal no caixa seis, por favor! – chamou no microfone.
 – Próximo!
 Enquanto passava os produtos, olhou de relance para dois moleques que passaram ligeiro pelo segurança, que conversava animadamente com Lorraine na porta do supermercado. Foram direto para o corredor dos biscoitos. Teve a ligeira impressão de ver um deles esconder um pacote de balas. Pensou em avisar o supervisor.
 – *Deixa pra lá, isso não é trabalho meu. Já ganho muito pouco pra fazer o que eu faço. Aliás, isso é pra ele aprender a não pegar mais no meu pé.*
 – Próximo!
 – *Essa fila não diminui nunca?* – pensava olhando pro relógio que marcava 11:32 da manhã.
 – Bom dia, tudo bem? – disse a senhora simpática.

– Bom dia. É pra entregar?
 – Sim, por favor. Que dia lindo, não é, meu bem?
 A atendente deu um sorriso amarelo e nada respondeu.
 – *Macarrão instantâneo, salsicha, massa de tomate, comida pra gato, fralda geriátrica...*
 – Qual a forma de pagamento, senhora?
 – Vale-alimentação – disse a velhinha sorrindo. – Muito obrigada, minha filha, e tenha um bom dia.
 A moça permaneceu em silêncio.
 – Próximo! Bom dia – disse para a cliente que ficou em silêncio.
 – *Roupa de grife, óculos na testa, relógio caro... essa é madame. Biscoito light, adoçante light, barra de cereal zero açúcar, bolo sem glúten.*
 – Noventa e seis e cinquenta. Qual a forma de pagamento?
 – Tudo isso? À vista tem desconto?
 – Não, senhora.
 – Os preços estão pela hora da morte. Não compro mais aqui – disse a moça com desdém.
 – Próximo!
 – *Meu Deus, o Ricardo! Como está lindo, tomara que ele passe no meu caixa só pra eu puxar assunto e ver se ele ainda está com aquela lambisgoia.*
 – Próximo!...
 Nada.
 – Próximo!

– *Larga o celular e olha a fila, pelo amor de Deus* – pensou irritada.
 – Bom dia. É pra entregar, senhor?
 – Não, eu vou levar, demoram demais. Vai dar trezentos e dezesseis e noventa e cinco, moça. Eu já somei antes – enfatizou o cliente atarracado e desconfiado.
 – *Arroz, feijão, três caixas de leite, uma dúzia de ovos, duas caixas de cerveja. Camisinha tamanho extra? Duvido.*
 – Deu trezentos e dezoito reais e noventa e cinco centavos. Qual a forma de pagamento?
 – Soma de novo, moça. O valor está errado. Deu trezentos e dezesseis e noventa e cinco. É a segunda vez que tentam me passar pra trás – falou o cliente.
 – *Por que eu não terminei meu curso de enfermagem? Mas olha pra Joana, ela terminou e está aqui há mais tempo que eu* – pensava enquanto passava os produtos novamente.
 – Deu trezentos e dezoito reais e noventa e cinco centavos, senhor. Qual a forma de pagamento? – ela perguntou mais uma vez.
 – Soma de novo, moça. Deu trezentos e dezesseis e noventa e cinco. Eu tenho certeza – o cliente insistia.
 – *Amanhã mesmo eu vou voltar a estudar. Eu juro.*
 – Próximo!

Museu do Livro Esquecido

Museu e gabinete de leitura para a história do livro



“O Triunfo da Vaidade: Matias Aires e suas Reflexões”,
 exposição de 28 de junho de 2025 a junho de 2026.
 Matias Aires, Typografia Rollandiana e gravuras em edições raras
 para refletir sobre a vaidade e o fim da vida.
 Biblioteca disponível para pesquisa.

Rua Santa Luzia, 31, Sé/Liberdade, São Paulo - SP, 01513-030

(11) 91853-6231

museudolivroesquecido@gmail.com



“Transitando pela fronteira imprecisa da ficção e da autoficção, André Giusti relata, neste monumental romance, a crise do gato de meia-idade. Um personagem volúvel, por isso contraditoriamente fascinante”

Sérgio Tavares

Só Vale a Pena se Houver Encanto,
 de André Giusti. À venda em
www.caoseletras.com.br e na Amazon



Depois da estreia com *Açúcar* (2021), a poeta e pesquisadora **Priscila Branco** retorna com *Desenterrar os ossos*, um livro que envelhece junto com quem lê. Dividida em três partes – Comer minhocas da terra, Traumas e mantras e Pés de galinha – a obra atravessa infância, adultez e velhice com uma escrita afiada, que costura memórias, cenas do cotidiano, abusos, lutos, medos e neuroses.

A poesia de Priscila Branco transita entre um humor dramático e a melancolia, sempre com um toque de assombro ao final de cada poema. Entre imagens delicadas e cortes bruscos, *Desenterrar os ossos* constrói um inventário íntimo da vida.

Confira um poema do livro:

Capítulo anterior

**Cheia de moscas-varejeiras
e urubus bicando palavras
a escritura é uma fruta
apodrecida
inventando passados
com tinta fresca.**

Priscila Branco é poeta e escritora, mestre e doutora em Literatura Brasileira pela UFRJ. Pesquisadora da poesia de mulheres, é editora da revista *toró*, diretora editorial e curadora da Macabéa Edições e colunista da revista *cassandra*.

Atua como analista de literatura no Sesc Nacional. Seus poemas já foram publicados em diversas revistas brasileiras, traduzidos para o espanhol (nas revistas mexicanas *Granuja* e peruana *Kametsa*) e para o tcheco (na revista *Tvar*). É uma das autoras da antologia *Este imenso mar*, do Instituto Camões de Portugal. Integra o Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura (NIELM-UFRJ) e o grupo de pesquisa Mulheres na Edição (CEFET-MG).

Com capa e ilustrações da própria autora, a edição traz orelha da escritora Leila Míccolis, prefácio da crítica literária Anélia Pietrani e posfácio do poeta Felipe Ribeiro, reunindo diferentes vozes que dialogam com a escrita da autora.

A edição é de Milena Martins Moura e Bianca Monteiro Garcia, com projeto gráfico de Caroline Silva.

O lançamento acontece no dia 24 de outubro de 2025, às 19h, na Livraria da Travessa de Botafogo, no Rio de Janeiro.

PRÉ-VENDA
de 01 de setembro
a 03 de outubro

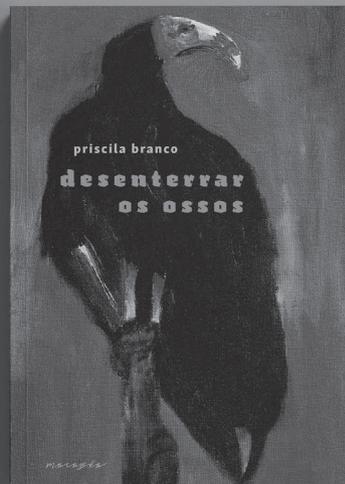
.....
Desenterrar os ossos

R\$50
Priscila Branco
Macabéa Edições

Garanta já o seu
exemplar na
pré-venda, com

15%
de desconto

macabeaedicoes.com



@priscilanbranco | @macabeaedicoes


ESCRITOR 1
Luiz Bombardini

ODDS

- 1.11** Escrever autoficção milimetricamente diferente da própria vida.
- 1.37** Mandar um foguinho nos stories de uma ruiva frequentadora de academia.
- 1.66** Publicar um livro com tiragem maior que o necessário.
- 2.56** Vender 500 cópias ou mais.
- 3.71** Escrever uma personagem feminina que não se apaixona pelo protagonista idêntico a ele.
- 4.03** Matar-se em quatro anos ou menos.
- 8.57** Sair na mão na Flip.
- 14.16** Sair na mão com um sem-teto na Flip por conta de um pastel.
- 17.16** Sair na mão com um sem-teto na Flip por conta de um pastel de carne, ovo e azeitona.

ESCRITORA 2
Alessandra Negroni

ODDS

- 1.03** Herdeira.
- 2.21** Reclamar (sem citar o nome) dos comentários impróprios de Bombardini em seus stories.
- 2.57** Xingar o gato persa chamado Bartô.
- 3.38** Escrever uma crônica sobre Bartô e seus aprendizados.
- 7.23** Vender 500 cópias ou mais.
- 8.74** Casar com alguém ainda mais rico.
- 11.17** Casar com alguém ainda mais rico e se separar em menos de três anos.
- 14.15** Casar com alguém ainda mais rico, separar-se em menos de três anos e publicar um livro de autoficção em que condena a opressão do casamento entre ricos.


ESCRITOR 3
Vincenzo A. Honbardo

ODDS

- 1.17** Assinar como “Doutor” (em crítica psicanalítica literária).
- 2.40** Reclamar por e-mail de um retorno não enviado de um jornal de literatura insignificante.
- 3.57** Ensinar uma mulher a ser mulher (se ela reconhecer seu brilhantismo).
- 5.01** Tratar mal um amigo que nunca leu aquele francês lá da FLIP.
- 7.45** Propor um relacionamento poliamoroso com a parceira — e conseguir.
- 8.33** Fazer atividade física consistentemente por mais de três meses.
- 11.68** Publicar o livro *Crônicas de um corno*.
- 14.73** Falar do valor da literatura sem mencionar a si mesmo em uma roda de conversa (vazia).

ESCRITORA 4
Mari Leboeux

ODDS

- 1.28** Escrever um artigo sobre as listas de melhores livros do século 21 e indicar incômodo com a ausência de mulheres importantes (como ela mesma).
- 3.27** Relacionar publicamente a valorização de todas as mulheres com o aumento de espaço para sua literatura.
- 6.15** Definir-se como exilada política na Europa em cinco anos ou menos.
- 8.91** Criar uma narrativa sobre como a migração de artistas e escritores para a Europa tem sido não só por escolha estética, mas por necessidade diante da falta de espaço no Brasil. Colocar-se como personagem desse deslocamento.
- 10.34** Organizar uma leitura pública em que as páginas projetadas são todas em branco, mas a escritora vai dizendo em voz alta: “Aqui estaria meu nome. Aqui estaria o nome dela. Aqui estaria o de todas nós”.
- 13.68** Ser presa como *stalker* após enviar entre mil e duas mil mensagens e fazer entre 100 e 500 ligações a seu perseguido num só dia.



Quem diria que Rambo não é um... Rambo



Stallone em *Twin Peaks*: CPF cancelado.

Estava eu ouvindo o mestre Braulio Tavares no curso “A narrativa de mistério e crime” quando uma opinião barra informação me surpreendeu. Braulio, referência ampla em literatura, repertório, adaptações, traduções etc., afirmou que o primeiro filme de *Rambo* (1982) não só não era ruim, mas também era... muito bom.

Desconsiderando momentaneamente a possibilidade de que Braulio pudesse errar, aquilo era informação nova para mim. *Rambo* sempre havia sido uma espécie de piada, a caricatura da caricatura de uma época caricata. A definição de filme estúpido (uma definição por si só estúpida, pois burro é não fazer gol), mas às vezes inescapável diante da miríade de explosões, explosões com **Sylvester Stallone** e, BUM!, explosões.

Eu nunca tinha visto *Rambo*, mas, acima de tudo, nunca tinha tido a menor vontade de ver *Rambo*. E, que fique claro, não tenho problema algum com filmes de ação – ao contrário, a narrativa de ação bem construída é o desafio mais duro do cinema – e, na verdade, adoro películas como *Terminator*, *Robocop*, *John Wick* e afins. Até mesmo alguns *Rocky*, com o próprio Stallone. Mas *Rambo* cruzava uma linha.

Curioso, decidi testar com meus próprios olhos. O resultado *imperdível* consta nas linhas abaixo. Vem comigo nesse *bar secreto* no coração do <bairro rico da sua cidade>!

First Blood: calma, Hollywood, é só um personagem complexo

O primeiro choque¹. *Rambo*, o filme, não se chama *Rambo*, e sim *First Blood*, adaptação de romance homônimo de **David Morrell** (1972). Nunca li – aparentemente, a Pipoca & Nanquim acabou de republicá-lo –, mas se trata de uma história mais sombria sobre traumas de guerra e o abandono dos veteranos do Vietnã.²

Originalmente, os dois *First Blood* (tanto livro como primeiro filme) apresentavam **John Rambo** como um anti-herói trágico, um veterano psicologicamente destruído, vítima de uma sociedade que o rejeita. Ainda que [aparentemente] menos brutal que o romance, o longa-metragem mantém um tom introspectivo,

culminando no icônico desabafo emocional de Stallone: “NOTHING IS OVER! NOTHING!”. É um filme com energia similar à de *Taxi Driver* (1976), por exemplo, e Stallone se encaixa perfeitamente no papel.

First Blood não foi dirigido por um americano qualquer³. Aliás, não foi dirigido por um americano. A nacionalidade e o *background* de **Ted Kotcheff** – canadense de família búlgara, criado em uma comunidade de imigrantes – ajudam a entender por que seu filme transcendeu o tchtchtchtchtchtchtchtchtchtch [som de metralhadora bucal] e se tornou uma obra politicamente ácida, algo que as sequências, dirigidas por americanos (e, claro, não exclusivamente *por* isso), jamais alcançariam.

Kotcheff vinha de uma tradição cinematográfica mais realista e menos glamourizada (como em *Wake in Fright* [1971], filme australiano sobre a decadência masculina). Sua abordagem em *First Blood* se concentrava no drama humano, não no espetáculo: diferentemente dos heróis invencíveis dos filmes de Stallone nos anos 1980, o Rambo de Kotcheff era vulnerável, sujeito a crises de estresse pós-traumático e humilhação.

Por sua vez, o antagonista, **xerife Teasle**, não é um vilão caricato, mas um representante da América provinciana e intolerante. Por fim, há algo de verdadeiramente trágico na violência, com cenas de ação claustrofóbicas e sujas, além de certo realismo tático (isto é, em oposição a meras trocas de tiro infinitas).

“O que eu realmente quero dizer é que toda a minha família viveu cercada por violência: rebeliões contra os turcos, ou eram torturados pelos turcos, ou os comunistas os torturavam. Então, eu cresci odiando violência – qualquer tipo de violência – e é por isso que o personagem Rambo em *First Blood* não quer matar ninguém quando volta do Vietnã. Ele odeia violência. Não vai voltar para os EUA para praticar violência. Ele está tão cansado de ver seus amigos morrendo e mulheres vietnamitas sendo mortas acidentalmente... Esse repúdio à violência impregna todo *First Blood* por minha causa.”

Ted Kotcheff

U-S-A! U-S-A! U-S-A!

Como sabemos bem, Hollywood exerce sua aptidão para transformar narrativas complexas em produtos simplificados, ociosos e repetidos até a exaustão. Conforme a franquia evoluiu (talvez “cresceu” seja o termo mais preciso), a indústria dissolveu a crítica social de *First Blood* em favor de um nacionalismo caricato e de uma violência espetacularizada. E aí conhecemos o Rambo que conhecemos.⁴



A partir de *Rambo II* (1985), o protagonista foi transformado em um super-herói patriótico, um símbolo de força bruta que *ajeitava* a derrota dos EUA no Vietnã por meio de tiro, porrada e bomba. O subtexto político do primeiro filme – a crítica ao governo que escolhe guerrear, depois descarta seus veteranos – foi substituído por um revisionismo barato, em que Rambo basicamente vence guerras sozinho. A mudança refletia o clima político dos anos 1980 (a era Reagan) e a demanda por entretenimento escapista, mesmo que à custa da coerência narrativa. Em *Rambo III* (1988), ele já luta ao lado dos *mujahidin* no Afeganistão (que ironia...).



Rambo III: kkkkkkkkkkkk.

Enquanto no livro e no primeiro filme Rambo era um homem quebrado e multidimensional, nas sequências ele se tornou um conjunto vazio de músculos, bandana e metralhadoras rumo à carnificina visual. Suas falas foram reduzidas a grunhidos, sua personalidade desapareceu e seu trauma de guerra subverteu-se em um detalhe esquecido.

Esse esvaziamento do protagonista compôs uma nítida estratégia comercial. Hollywood percebeu que Rambo vendia mais como um ícone de ação que como um personagem realista. Como toda franquia é espremida até não render mais, então é abandonada até que um *reboot* a traga de volta, existe um *Rambo IV* (2008). E um *Rambo V* (2019), cuja forma final de Stallone é um vingador qualquer, agora contra cartéis mexicanos – um enredo tão genérico que dificulta paródias.

Rambo: o preço da ganância [ver notas de rodapé...]

Rambo começou como uma história sobre culpa e as consequências de guerras estúpidas, mas Hollywood logo a transformou em explosões patrióticas. Esse não é um destino exclusivo da franquia – é a condenação para qualquer narrativa que se torne lucrativa.

Ted Kotcheff, o diretor, não era um *insider* de Hollywood; sua perspectiva externa permitiu que ele enxergasse os EUA com distância crítica, transformando Rambo em um símbolo dos fracassos americanos, não de seu poderio. O clímax de seu filme tem o protagonista



O herói do filme... e Stallone. Ok, essa já é previsível.

chorando, um veterano vulnerável e destroçado soluçando. E seu desfecho (sem *spoilers*, digo, mais ou menos) é totalmente anticlimático. Por sua vez, *Rambo II* (1985) *conserta* essa *viadagem* e termina com ele caminhando descamisado em direção à selva enquanto os créditos rodam, como um *verdadeiro homem*.

Kotcheff teve integridade suficiente para recusar a sequência:

“Eu não queria fazer as sequências. Me ofereceram a primeira sequência e, depois de ler o roteiro, eu disse: ‘No primeiro filme, ele não mata ninguém. Nesse aqui, ele mata 74 pessoas.’ Parecia uma celebração da Guerra do Vietnã, que eu considero uma das guerras mais estúpidas da história. 55 mil jovens americanos morreram, e tantos veteranos cometeram suicídio. Eu não conseguiria me contradizer dessa forma para fazer um filme assim. Claro, eu poderia estar rico hoje — aquela sequência faturou US\$ 300 milhões.”

Ted Kotcheff fez um filme sobre o preço humano da guerra. Sua perspectiva estrangeira e crítica foi essencial para a força de *First Blood*, mas justamente por isso ele não tinha lugar no futuro da franquia, que preferiu vender brinquedos e pôsteres⁵.

Enquanto os filmes posteriores degradaram Rambo em uma caricatura, o primeiro deles permanece como um raro momento em que um blockbuster hollywoodiano questionou de fato o próprio país que o produziu. E, quem sabe, quem sabe, isso só foi possível porque um canadense de origem búlgara estava atrás das câmeras – alguém suficientemente distante de seu histrionismo militar.

Ted Kotcheff morreu em abril, três dias após completar 94 anos.

¹ *Rambo: o primeiro choque* (2025).

² Aqui, uma nota curiosa: o Rambo de Stallone não foi o primeiro Rambo do cinema. Tomas Milian interpretou o papel na adaptação *IL GIUSTIZIERE SFIDA LA CITTÀ* (a caixa-alta é invenção nossa), ou *A Cidade de um Justiceiro* (1975), de Umberto Lenzi, com inspiração assumida em Sergio Leone.

³ *Rambo: um americano qualquer* (2027).

⁴ O que é irônico de se afirmar, afinal eu de fato não assisti a mais nenhum. Na prática, portanto, esse texto (e essa argumentação) não têm qualquer valor. Mesmo. De pensar que você poderia estar lendo Cervantes. Ah, e *Rambo: o Rambo que conhecemos* (2030).

⁵ *Rambo: brinquedos e pôsteres* (2033).



Mei-meí Berssenbrugge

Poeta estadunidense de ascendência chinesa, Mei-Mei Berssenbrugge (1947) pertence à geração pós-Expressionista Abstrata. A autora é inédita no Brasil.

Tradução de Gabriel Vidal G.

Formas de Polidez

1.

Tirando vantagem dos relacionamentos e interações que realmente existem entre o que acontece com ela e o seu desejo, ela cria algumas metáforas, ambas óbvias e opacas, como telas de raios cruzando

a paisagem na qual ela mesma e o que ela esperava vir de você, no sentido de ajudar, coincidem, para que eu e você pareçamos um com o outro, agora. O jeito que eles iluminam a terra, como infravermelho sem um

vestígio

sobre o filme, realmente, parte da sua imagem estava tão ligada ao meu desejo, que permaneceu dentro do meu corpo. Ela nunca alcançou as emoções que tendem a danificar o corpo, porém, as que a memória requer. Portanto, um dispositivo formal foi descoberto para detalhar informações que eram intimamente e amplamente

inaceitáveis

para o que eu pensei ter exigido de você, quanto à beleza, em ideia e forma. Ela esperava sofrimento para, automaticamente, suscitar essa beleza, como o roubo de uma corda de fogo da sua casa por uma mulher, mas não o enforcamento dela no pomar, perto da casa. Ela era uma estranha para você.

Ela nunca esteve na sua consciência. Por isso ela nunca foi esquecida.

Ela está em você, no jeito em que a experiência direta gera consciência, adicionando energia na sua materialização.

Viver a biografia de uma outra pessoa não é a mesma que viver a vida dele ou a dela.

Ela constrói uma linha histórica ou junta, de detalhes anedóticos tipo roupas pelo corpo, instrumentos de defesa e expansão, o que dá sentidos às flutuações, tanto nos

prazeres

ocorrendo entre ela mesma e você. Os óculos-de-sol dela, envolto de penas, expressam a contingência de uma luz e um espaço, então a anedota de um enforcamento poderia ser utilizada como colorismo ou informação combinatória, ao invés do instinto do seu instinto para o imaginário no qual ela

imagina

representar o que acontece, independentemente do que distorce.

Algumas vezes, ocorre durante a rotina que ela representa pela homogeneidade da luz sobre a terra, ou quando as coisas usualmente não significam nada como a harmonia na luz, o que acontece e algo para significar se juntam acidentalmente. A coisa não é o que é, mas é como o que é. Como um boato, não significa nada, embora tenha algo para significar, então a solidão dela é a máscara da repetição interminável de um enforcamento ou o relacionamento dela com você, no qual tudo que está incluso encontrará um lugar. Isso é empatia ou compartilhamento da sua intuição com

ela.

Você olha dentro dos olhos de alguém como, se você estivesse vendo através de seu rosto.

Forms of Politness

Taking advantage of the relationships and interaction, which actually exist between what happens to her and her desire, she creates some metaphors both obvious and opaque, as screens of rays crisscrossing

the landscape in which herself and what she expected from you in the way of support coincide, so that I and you resemble each other, now. The way they light the land like infrared without a trace

on film, really, part of your image was linked so closely to my desire, it remained inside my body.

It never reached the emotions, which tend to damage the body, but which memory requires.

Thus a formal device was discovered for detailing information that was intimate and largely unacceptable

to what I thought I required from you, regarding beauty in idea and form. She expected distress to automatically bring about this beauty, like a woman's theft of fire rope from your house, but not her hanging in the orchard by the house. She was a stranger to you.

She was never in your consciousness. Hence she was never forgotten.

She is in you the way direct experience generates consciousness, adding the energy of its materialization.

To live another person's biography is not the same as to live his or her life.

She constructs a story line or cluster of anecdotal details, like clothes around the body, instruments of both defense and expansion, which give meaning to fluctuations, such as in pleasures

occurring between herself and you. Her sunglasses swathed in feathers express

the contingency of a light and a space, so that the anecdote of a hanging could be utilized as colorist or combinatory data, instead of her instinct for the imaginary in which what she imagines

represents what happens, whether or not it misrepresents it.

Sometimes it happens during a routine she represents by evenness of light on the land or when things usually mean nothing, like harmony in light, what happens and something to mean

join accidentally. The thing isn't what it is, but it is like what it is.

Like a fake, it doesn't mean anything, although there is something to mean,

so that her solitude is the guise of unending repetition of a hanging or her relationship with you, in which all that is to be included will find a place. This is empathy or sharing her intuition with her.

You look into someone's eyes as if you were seeing through the face.



Cesar de Mello Campos, em *Pela fresta te vi* - Relatos em dois tempos, entrega um livro de contos que oferece ao leitor uma jornada literária de rara profundidade. Estruturado em duas partes que dialogam entre si, o livro traça um painel multifacetado da experiência humana, revelando as vozes íntimas de personagens que oscilam entre a

força e a fragilidade, a memória e o esquecimento, o silêncio e a palavra.

Com uma escrita marcada por ritmos fluídos e uma prosa muito autêntica, no entanto, poética, o autor constrói um universo onde o banal se transforma em transcendência, e os detalhes cotidianos tornam-se

fragmentos de uma realidade maior.

Se você gosta de livros que retratam a densidade psicológica humana... Este é o livro!

Já à venda na @Amazon: <https://a.co/d/9CDPAw3>
Para adquirir o livro impresso, envie um e-mail para: cesardemellocampos@hotmail.com



2.

Porque não é impossível absorver mais do que uma percepção de cada vez, ali parece haver uma contradição entre o espaço, ou o visual e o contexto de sentido.

Ela sentiu uma profunda inquietação com a imagem desse pôr-do-sol de energia inatural, sua sinistra expressão

de uma ordem de impossível beleza que pensamos que perdemos, contando pela intensidade da luz amarela sobre a colina

o que não é algo, e não é uma metáfora, a forma que a sua vida não é uma metáfora para ela, ou

a maneira que a intensa luz sobre a serra é uma recolecção en plein air, no sentido do que aconteceu.

Em breve a paisagem tornar-se-á cinza e a colina recuperar-se-á sua cor natural, porém, ali há três dimensões de cinza.

Isso é uma metáfora para o fato de que a mulher enforcada na verdade fez contato com você, embora nunca tenha a conhecido.

Há uma ligação com a aparência dela, como para o sexo, ou no jeito que um nome é atrelado à alguma coisa

após nomeá-la, pela ocorrência de seu nome, nesse caso ligando-se com as aparências

ou biografias de toda uma parada de amantes, então o que ela pensa ser como ajuda humana dele

não é mais dependente na mudança do desejo dela a ele no presente, porém, é um substituto para isso.

A paisagem é vazia e imanente. O contexto da mulher em sua realidade

pode diferir do contexto no qual o espectador pensa sobre ela, o elemento da transparência.

O modo que o espectador pensa sobre ela é o modo que as baixas nuvens estendem-se uma paisagem. O espectador

está atuando na paisagem em consideração que o contexto do expectante distingue-se do contexto

de que uma ajuda humana geral poder-se-ia ser uma metáfora para si mesma.

Ali estavam árvores de folhas-amareladas atrás de uma paisagem de umas verdes à beira do pomar

Elas não são uma fronteira entre organização e decaimento de árvores do outono, cujas estão organizadas.

As folhas amarelas ao redor de seu pé tem uma impossível beleza que foi conquistada e depois perdida.

Uma maneira que você pode definir uma mulher é lembrar tudo que uma mulher não é.

Se você mover sua cabeça rápido suficiente, você pode discernir de repente toda a estrutura

na superfície de cada folha, as conexões no seu estômago, como para o sexo.

Caso você se lembre não deseja-la rápido suficiente, você pode de repente discernir todo o corpo dela.

Você pode sentir no seu estômago a maneira em que nenhum momento que aconteceu e no qual você pensa sobre ela vai

por um longo caminho em direção a te convencer da autonomia e da pré-existência da forma dela.

Because it's not possible to absorb more than one insight at a time, there seems to be a contradiction between the visual or space, and the context or meaning.

She felt deep uneasiness with the image of this sunset of unnatural energy, its sinister expression

of an order of impossible beauty we thought we lost, accounting for the intensity of yellow light on the hill,

which is not a thing, and it is not a metaphor, the way your life is not a metaphor to her, or

the way intense light on the hill is a recollection en plein air, in the sense that it happened.

Soon the background turns gray and the hill regains its natural color, but there are three dimensions of gray.

This is a metaphor for the fact that the hanged woman actually made contact with you, although you never knew her.

There is a link with her appearance, as with sex, or the way a name is attached to something

after naming it, by the occurrence of its name, in this case linking with the appearances or biographies of a whole parade of lovers, so what she thinks of as human help from him is no longer dependent on changing her desire for him in the present, but is a substitute for it.

The landscape is empty and it is immanent. The context of the woman in its reality may differ from the context in which the viewer thinks about her, the element of transparency.

The way the viewer thinks about her is the way low clouds extend a landscape. The viewer

is acting on the landscape in consideration that the context of the viewer distinct from the context

of general human help could be a metaphor for itself.

There were yellow-leaved trees behind a screen of green ones at the edge of the orchard. They are not a border between organization and decay of autumn trees, which are organized.

The yellow leaves around your feet have an impossible beauty that was achieved and then lost.

A way you can define a woman is to remember everything the woman is not.

If you move your head fast enough, you can all of a sudden discern the whole structure of the surface of each leaf, and it links in your stomach, as with sex.

If you remember not desiring her fast enough, you can all of a sudden discern her whole body.

You can feel in your stomach the way any moment that happened and in which you think about her goes

a long way toward convincing you of the autonomy and pre-existence of her form.



TRIBECA
Inglês Online

Aulas individuais e em
pequenos grupos
Clube de conversação
Clube do livro

@tribecaenglishclasses
55 41 98728 2135

Assine a newsletter



HE por
Cami
CHO

Somos um ateliê de cerâmica artesanal em Curitiba, com produção própria de peças para venda à pronta entrega (na loja física e site) e também de peças personalizadas sob encomenda. Oferecemos aulas regulares e oficinas pontuais de cerâmica. O nosso espaço em si é super gostoso, vale a visita inclusive aos curiosos.

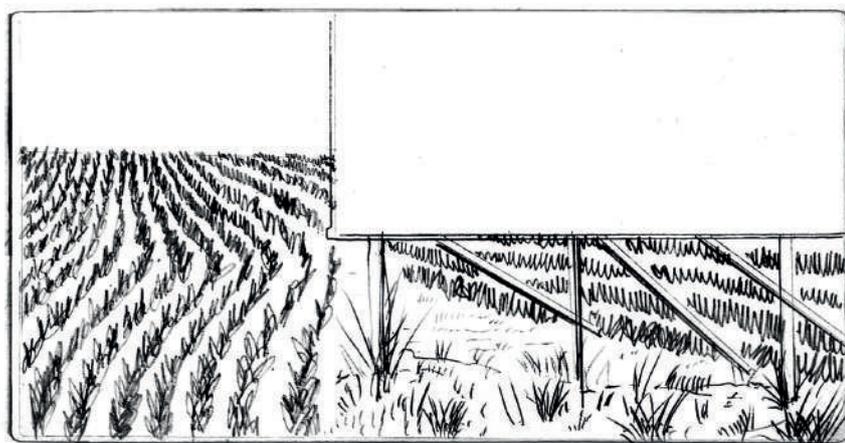
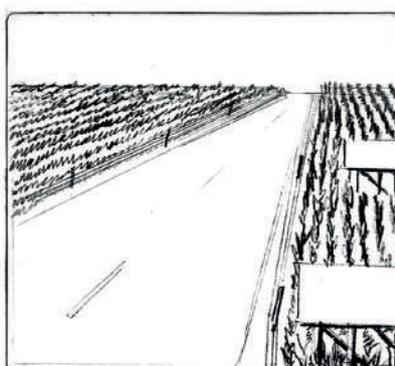
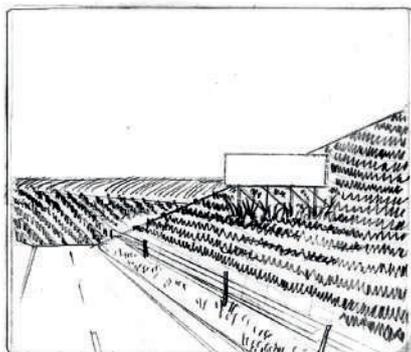
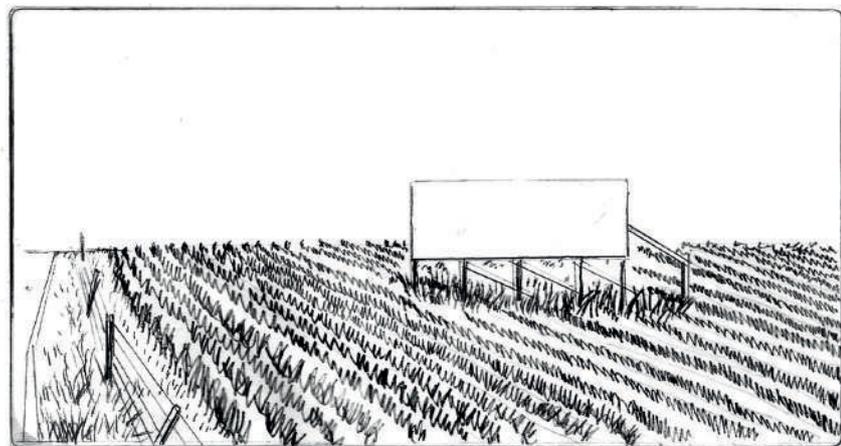
Estamos na Alameda Presidente Taunay, 681, Batel, em Curitiba

hechoporcami.com | @hechoporcami



um texto feito a partir de livre associação.

Aline Landfeldt



Meu namorado é psicanalista formado. Quer dizer, ele é psicólogo e psicanalista, acabo colocando psicanalista na frente porque tá na moda. Quando começamos a namorar, a primeira coisa que me convenceu – obrigou? – a fazer foi análise. Consulto-me com Dr. M há três anos, já consegui resolver metade da minha infância e ficar um pouquinho mais pobre todo mês (150 reais a sessão). Tenho um emprego na área jurídica, visito minha sogra aos sábados e falo mal dos meus pais toda sexta-feira. Às vezes, no domingo, faço costela pro Nicolas. Meu maior sonho é ser feliz. Meus outros sonhos são coisas chatas e simbólicas que são, em sua maioria, formados por perseguidores ou situações angustiantes que representam uma relação mal resolvida com um irmão alcoólatra e doente.

Meu irmão já me trancou pro lado de fora de casa, quebrou a mão socando a janela do carro e quase me matou num acidente. Lembro de uma vez que o SAMU levou o corpo dele amarrado à maca para o hospital, direto para a ala psiquiátrica. Todos na rua deixaram a novela tocando só para ver. Hoje vi algo parecido. Um descarregador deixou cair toda a encomenda de forro PVC no seu joelho, a rua encheu de carros dos bombeiros e ambulâncias. Eu saí de casa pra ver, *queria ver o que estava acontecendo*. Descobri pela minha vizinha, ela disse que o cara tinha exagerado na dor, nem tinha sido tão grave. Penso que era verdade, já que as ambulâncias e carros foram embora tão rápido, e, pra mim, forro PVC nem é tão pesado assim. *Exagerado na dor*. Vendo de fora é fácil classificar assim, meu gato Aipim arranhou toda a minha mão no fim de semana e eu chorei. Se uma encomenda de forro PVC tivesse caído no meu joelho, certamente eu exageraria na dor também. Afinal, o cara teve uma fratura no joelho, deve ter doído. Eu, que trabalho com casos de invalidez,

aposentadoria, benefício trabalhista etc., deveria saber que acidentes doem, vejo todo dia. Dedo perdido por máquina, queda das alturas e soterração são coisas que encontro nas petições iniciais dos processos, os quais leio sentada numa cadeira estofada, que seria confortável caso eu me exercitasse e não tivesse dor na lombar. Nunca fui incentivada a fazer esportes quando pequena, quando cresci, continuei com esse hábito. Meu namorado diz que um tal de rolo de liberação miofascial ajuda, me faz rolar naquilo, às vezes enche o saco pedindo. Não quero fazer nada pra melhorar, quero que cure naturalmente. Outra coisa que quero que cure naturalmente é a minha enxaqueca, até parei de beber por conta dela. Tenho certeza que minhas dores cessariam se eu trocasse de emprego, este me exaure demais, é muito texto, termo, latim, arrogância, burocracia e demora. Muita demora. Desde pequena tenho o sonho de escrever um livro, que até hoje não sei o tema. Me arrisquei nessa há uns anos, até peguei uma semana de férias no Chile para apressar a confecção. Não deu em nada. Paro e retomo a escrita esporadicamente, me sinto bem e mal ao mesmo tempo nessa função: por um lado me diverte, por outro me chateia. Diverte-me porque gosto de palavras, me chateia porque tenho preguiça e uma abissal falta de sinônimos para me dedicar completamente à escrita. Conto com algumas coisas publicadas em livros e revistas, Nicolas diz que sou divertida no papel (só no papel?) e li o suficiente pra saber alguma coisa sobre algo. No entanto, estou parada. Parada principalmente porque escrever coisas quadradas me dão dinheiro, estabilidade e alguma coisa a reclamar. Será que sou careta? Ando parecendo meu pai, este que se afundou na advocacia para manter a família comendo peito de peru com requeijão no café da manhã. Mas, diferente dele, eu faço análise.

PSICOTRÓPICOS DE CAPRICÓRNIUM NA ILHA DA TRINDADE: um livro péssimo. O protagonista é um nóia. Os etês são chatões, não são greys cabeçudos. A Marinha do Brasil é criticada. Tem pouca caça Submarina. Muita natureza para pouco tiro. Pontos positivos: não tem sexo, e o nóia arca com as consequências de seus atos no final. Eu acho.



@escritormayorga



Não, você não entendeu nada, irmão. É que o livro é sobre a impermanência da vida e uma crítica à supremacia humana sobre os demais táxons animais nesse antropoceno nefasto; é uma ode à natureza selvagem usando a trama humana como plano de fundo, reduzindo suas angústias a dramas insignific...

É APENAS UM LIVRO SOBRE UM NÓIA.



ENTRE O VÉU E O CAGALHÃO

Jorge Cardoso

Escutei um espírita, ou ex-espírita, debruçado no balcão do bar e esganando copos de cachaça, postular que somos um espírito que possui um corpo. Não o contrário. Eu olhei para ele e perguntei que diferença isso faz se quem grita na hora da topada sou eu.

Segurando o copo embaçado — calor da mão, suor ou hálito —, com a porra do dedinho em riste, ele me diz que, antes de irmos para a Terra, passamos por um véu que nos faz esquecer nossa verdadeira identidade. Daí vivemos por aqui, fazendo todas estas coisas que todos os seres humanos fazem, e, quando morremos, passamos outra vez pelo véu, só que desta vez esquecendo de quem éramos.

Esquecer. Este bar deve fazer parte desse véu — pensei e continuei a beber, olhando as garrafas na prateleira. Secas, empoeiradas, a radiografia das costelas de um dinossauro sem cabeça e morto.

Ele pediu outra dose. Matou de um gole só e disse:

– A minha mulher pediu pra foder ela na bunda!

Cadeiras se arrastaram. O kardecista capturou a atenção dos outros fregueses. Senti o cheiro de mijo de um ônibus dando a volta ao mundo quando a porta do banheiro abriu.

– E o que você fez? – Um homem com a cabeça e os ombros cobertos por um pó branco, fechando a braguilha, respirava com dificuldade, mas exaltado, como se cada inspirada de oxigênio o ajudasse a caminhar.

– Eu enfiei!

– AHÊEEEE! – Um outro ergue o copo, celebrando, babando mil e uma Scheherazades.

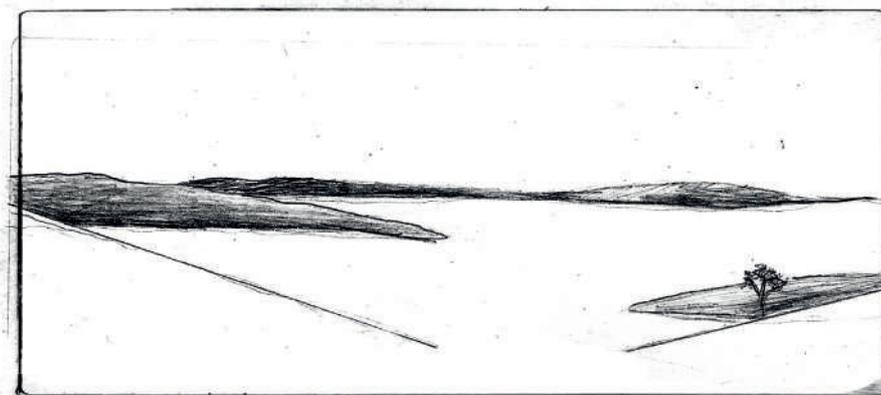
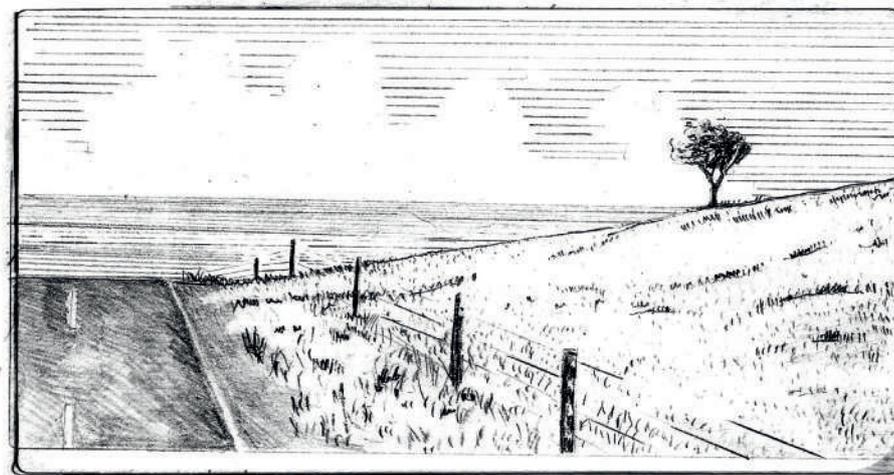
– E fui enfiando, enfiando – continuou o espírita –, e quando o meu saco estava prestes a estourar, como quem crava uma estaca num porquinho... Escutando o meu coração bater nos ouvidos... Eu... Eu guardei isso aqui!

Ele tira um embrulho do bolso do paletó. Os olhos vidrados, iguais a duas bolas de bilhar lavadas debaixo da torneira. E põe o embrulho em cima do balcão. Úmido. Ondas de calor subiam dali. Uma mancha marrom com gotículas vermelhas cobria o papel, a asfixia de todo o segredo. Ele afasta o copo e abre o embrulho. O cheiro nos violenta como se fossem os espíritos saindo da arca naquele filme do Indiana Jones.

Um bêbado, na mesa do outro lado do bar, começa a vomitar. Todos vomitam.

Eu não.

Tapei o nariz com minha camisa suada e, chegando mais perto, fiquei ali parado, entre o véu do esquecimento e o cagalhão.



2º
ITAI
GINE



FESTIVAL INTERNACIONAL
de CURTAS DE ANIMAÇÃO
ITAIÓPOLIS - SANTA CATARINA

25 a 28
setembro 2025
www.itaicine.com.br

Produção:



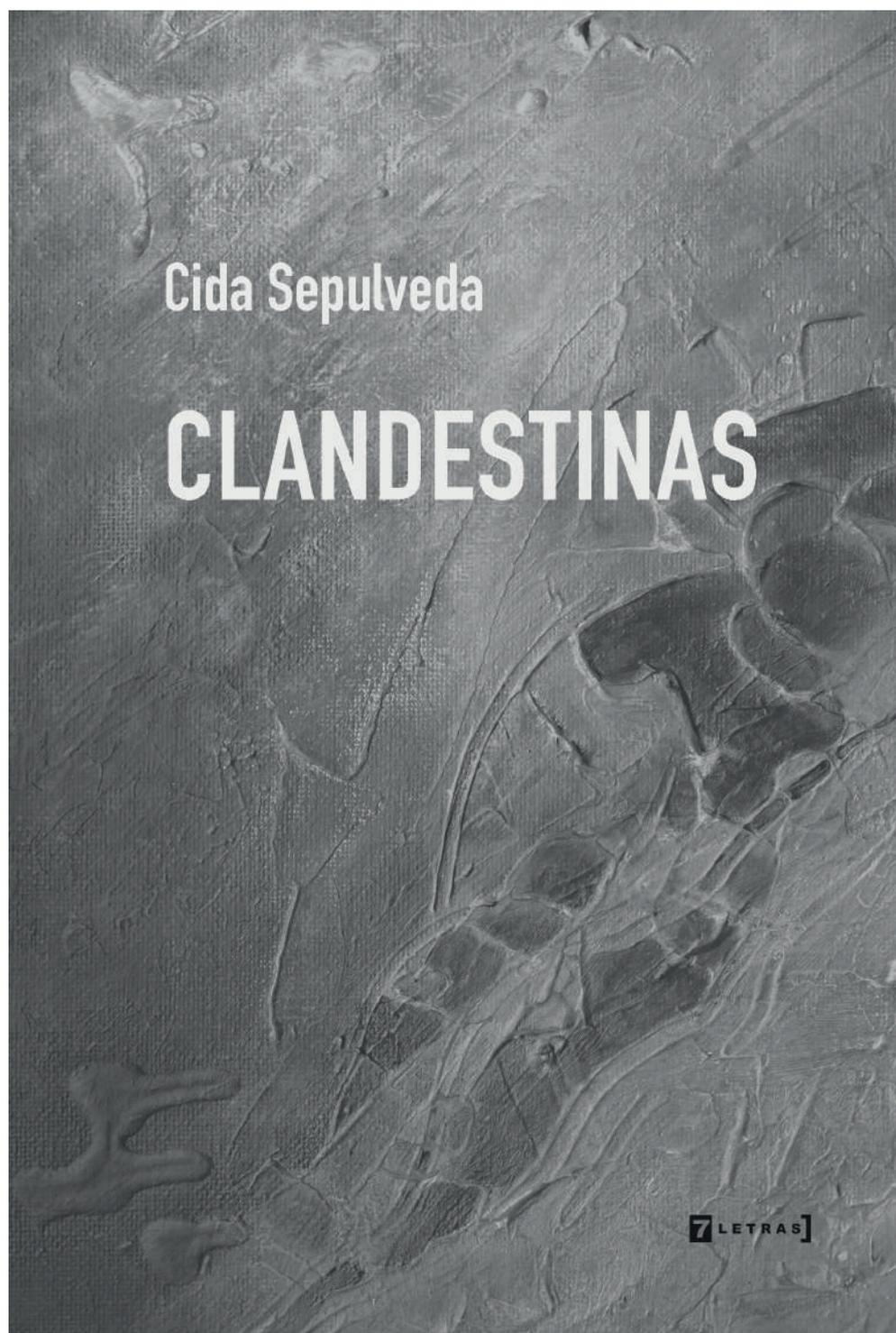
Circuito
Catarinense
de Cultura
PNAB/SC 2024

Realização:





C L A N D E S T I N A S



Em *Clandestinas*, **Cida Sepulveda** nos conduz por um labirinto de emoções intensas e situações extremas, onde a realidade do aborto é enfrentada sem rodeios, com a crueza que marca a escrita da autora. Cada conto é uma janela aberta para histórias reais, de mulheres cujos destinos são marcados por escolhas impossíveis e pela luta constante contra uma sociedade que silencia suas dores. Com uma linguagem enxuta e direta, sem meias palavras, Sepulveda mergulha na complexidade das relações humanas, abordando o sexo, a vida e a morte com um olhar atento e profundo sobre o que é muitas vezes mantido em segredo. As personagens aqui parecem mulheres reais, com histórias de vida que transbordam de sofrimento, resistência e coragem diante do peso de decisões que carregam para sempre.

Cada conto é um reflexo da brutalidade de um sistema que escolhe ignorar os gritos de socorro, e, ao mesmo tempo, oferece um espelho cruel da indiferença que reina no mundo em que vivemos. Cida Sepulveda, com sua prosa visceral, nos confronta com a dor e a delicadeza de ser mulher em um contexto que muitas vezes nega o direito de escolher. *Clandestinas* é um convite ao despertar de uma reflexão profunda sobre a vida, a morte e o que nos faz humanos. É uma obra impactante e corajosa, que nos leva além da leitura, a uma vivência extrema, sob o olhar do outro – dos outros, de outras –, por trás dos enredos que nos desafiam, nos envolvem e nos obrigam a encarar a realidade nua e crua da sociedade atual. Não é apenas um livro sobre aborto; é sobre a vida, em toda a sua complexidade e tragédia.

Cada versão nova dessa lista tem uma frase diferente aqui, vocês repararam?

Pontos de distribuição do Jornal Relevo

VERSÃO SETEMBRO DE 2025



301 PONTOS
25 UNIDADES
DA FEDERAÇÃO
89 CIDADES

FRANCA
Almanaque Livraria e Sebo
GUARULHOS
Guarulvivos
ITATIBA
Livraria Toque de Letras
ITUPEVA
Livraria e Sebo Pedras Preciosas
JUNDIAÍ
Livraria Leitura
MOGI-MIRIM
Banca do Sardinha
PIRACICABA
Sebo do Formiga
RIBEIRÃO PRETO
Livraria da Travessa Ribeirão
SANTOS
Realejo Livros
SANTO ANTÔNIO DO PINHAL
Livraria Mantiqueira
SÃO CAETANO DO SUL
Casa das Ideias
SÃO CARLOS
Livraria EDUFUSCAR
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
Livraria Casa Nynho
Livraria do Espaço
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
Livraria e Papelaria Amo Ler Oriente
Livraria Planalto

SÃO PAULO
A Banca de Livros
Banca Tatuí
Bar Balcão
Bibla
Café Colombiano
Café no Jardim 53
Casa Brasília
Circulo Livraria
Coffee Lab
Comix Book Shop
LiteraSampa - IBEAC
Livraria Bandolim
Livraria Cabeceira
Livraria Caraíbas
Livraria da Tarde
Livraria Insulto
Livraria Lovely House
Livraria Na Nuvem
Livraria NoveSete
Livraria Ponta de Lança
Livraria Sebo Tucumbira
Livraria Sentimento do Mundo
Livraria Simples
Livraria UNESP
Livraria Zaccara
Lop Lop Livros
Museu do Livro Esquecido
N'alma Café
O Café da Ponta
O Cão Engarrafado
Patuá Discos
Patuscada Livraria, Bar & Café
Sabiá Discos
Sebinho da Helô
Sebo Alternativa
Sebo Desculpe A Poeira
Sebo do Messias
Sebo Pura Poesia
sobinfluência
UGRA PRESS
VINHEDO
Sebo Vinhedo

Sergipe

ARACAJU
Livraria Escariz

Tocantins

PALMAS
Sebo da Vovô

Que tal se tornar um distribuidor do **Jornal Relevo** aí na sua cidade? Fale conosco:
contato@jornalrelevo.com

Alagoas

MACEIÓ
Livraria Novo Jardim

Amazonas

MANAUS
Kalena Café
O Alienígena Espaço Cultural
Sebo Édipoeira

Bahia

ILHÉUS
Badauê Livros, Discos e Café
SALVADOR
Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS)
Livraria Escariz

Ceará

FORTALEZA
Rede Jangada Literária
Reboot Comic Store

Distrito Federal

BRASÍLIA
Los Baristas Casa de Cafés
Quanto Café

Espírito Santo

DORES DO RIO PRETO
A Cafeteria

Goiás

GOIÂNIA
Livraria Palavrear

Maranhão

SÃO LUÍS
Rede Ilha Literária

Mato Grosso

CUIABÁ
Raro Ruído
Tcha por Discos - Vinyl Store

Mato Grosso do Sul

CAMPO GRANDE
Banca Modular
Ramita Cafés
DOURADOS
Livraria Canto das Letras

Minas Gerais

BELO HORIZONTE
Café CentoeQuatro
Editora UFMG
Livraria da Rua
Livraria do Belas
Livraria Dona Clara
Livraria Jenipapo BH
Livraria Outlet de Livro
Quixote Livraria e Café

CÁSSIA
Livraria da Praça

ITAJUBÁ

Lume Livraria
Sebo da Cris

JUIZ DE FORA

Banca Vera
OURO PRETO
Rena Café

POÇOS DE CALDAS

Sebo Travessa Cultural

POUSO ALEGRE

Sebo Santa Sofia

SABARÁ

Sou de Minas, Uai
SÃO JOÃO DEL REI
Adro Mais Centro Cultural
Livraria Café Itatiaia
Taberna D'Omar

SÃO TOMÉ DAS LETRAS

Caverna Café

TIRADENTES

Cafeteria Tiradentes

UBERABA

Lemos & Cruz Livraria

UBERLÂNDIA

Domus Brasilis Livraria
Samsara Espaço Esotérico

Pará

BELÉM
Rede Amazônia Literária

Paraíba

JOÃO PESSOA
Abô Botânica e Café

Paraná

ARAUCÁRIA
Boutique Café
Casa Eliseu Voronkoff
Fisk Araucária
Panificadora El Grano
Porão Cavalo Baio
GUARAPUAVA
A Página Livraria
Gato Preto Discos e Livros
LONDRINA
Nosso Sebo
Olga A Livraria da Cidade
PATO BRANCO
Alexandria Livraria e Cafeteria
PINHAIS
Estação Curitiba Café
Livraria e Cafeteria Café com Letras

PONTA GROSSA

Cripto Cultural
Phono Pub

Sebo Espaço Cultural 1
Sebo Espaço Cultural 2

Verbo Livraria

RIO NEGRO

Sabiá Discos

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS

Sebo da Visconde

COLOMBO

Livraria e Papelaria Colombo
Parque Municipal Gruta do Bacaetava

CURITIBA

Ah! Cafeteria

Ainda Bem Café

Arcádia Sebo & Café

Argenta Cafés

Ateliê CADERNO LISTRADO

Baba Salim

Bardo Tatará

Bar Otelo

Ben Café

Biblioteca Pública do Paraná

Bondinho de Leitura da XV

Botanique Oásis

Brise Bar

Café & Confeitaria Avenida

Café 217

Café Cultura (Cabra)

Café do Canto

Café Degusto

Café Encantado

Café do Espaço

Café do Mercado

Café do Van Gogh

Café do Viajante

Café e Livraria Solar do Rosário

Café Lisboa

Café Per Tutti

Casa das Bolachas

Casa Luce

Casa Portfolio

Cataia Bar

Chelsea Burgers & Shakes

Coffeeterie

Colégio Medianeira

Dalat Café

Empório Kaveh Kanes

Estação Literária Osório

Estúdio Latino de Design

Fabrika Pães & Café

Faraoh Records

Fingen Café

Five Lab

Fubá Café

Fuga Café

Fundação Cultural de Curitiba COMUNICAÇÃO

Gabo Livros

Gerência Faróis do Saber

Giardino Café & Cappuccinaria

Go Coffee

Grän's Café

Inked Café

Itiban Comics Shop

Janaíno Vegan Bar

Joaquim Livraria

Jokers Bar

La Belle Époque

Le Caffes Especiais

Link Café

Liquori da XV

Livraria Arte & Letra

Livraria da Vila

Livraria do Caim

Livraria Vertov

Love City

Lucca Cafés Especiais

Lupita Bistrô Bar

Mabu Hotel

Maçã Padaria

Mad Jack Beer Lab

Madí Cafeteria e Empório

Maitê Livros

Mamãe Urso Café

Manana Café

Maniacs Brewing Co

Manifesto Café

MediaLuna Café

Novo Café do Teatro

Ópera Garden Café

Pão Prosa

Páprica Vegan

Passeio Café e Arte

Provence Boulangerie

Rituais Casa de Café

Sala Café Living

Sebinho FATO Agenda

Sebo Kapricho Marechal

Sebo Releituras Centro

Sebo Releituras Portão

Sebo Santos

SESC Paço da Liberdade

Space Cat

Solar do Barão

Teatro Enio Carvalho

Teatro Guaira Comunicação

Telaranha Livraria e Café

Temporal Cafés Especiais

Terra Café & Bistrô

Teatro Enio Carvalho

Teatro José Maria Santos

Tijolo CWB

Universidade Positivo Santos Andrade

UFPR Prédio Histórico

UFPR Reitoria

UTFPR Bloco E

Utopia Tropical Chocolates

Veg e Veg

Viva la Vegan

Pernambuco

RECIFE

Borsoi Café

Café Celeste

Casa Mendez

Livraria da Praça

Livraria do Jardim

Livraria Pó de Estrelas

Releitura

GRAVATÁ

Casa Mendez

Piauí

TERESINA

Café Quatro Estações

Rio Grande do Norte

NATAL

Sebo Cata Livros

Sebo Rio Branco

PARNAMIRIM

Kave Casa Literária

Rio Grande do Sul

BENTO GONÇALVES

Dom Quixote Livraria e Cafeteria

Paparazzi Livraria

CANELA

Empório Canela

CAXIAS DO SUL

Do Arco da Velha Livraria & Café

ERECHIM

Agridoce Livraria e Sebo

GRAMADO

Mania de Ler Bookstore

PORTO ALEGRE

Brasa Editora Livraria e Bar

Café & Galeria Devora

CirKula Editora, Livraria e Café

Livraria Clareira

Macun Livraria e Café

Rede Beabah

Ventura Livros

SANTA MARIA

Livraria e Grife UFSM

Rio de Janeiro

CABO FRIO

Sebo do Lanati

DUQUE DE CAXIAS

Tecendo uma Rede de Leitura Associação

Pró-Melhoramento

MACAÉ

Sebo Cultural Livraria & Cafeteria

NOVA FRIBURGO

Dona Emília Books

Jenipapo Livraria

NOVA IGUAÇU

Baixada Literária - Biblioteca Comunitária

Judith Lacaz

PARATY

Livraria das Marés

Livraria Muvuca

Mar de Leitores

RIO DE JANEIRO

Biblioteca Marginow

Blooks Livraria

Capitu Café

Casa 11 Sebo e Livraria

Letra Viva Café e Histórias

Livraria Berinjela

Livraria e Edições Folha Seca

Livraria Prefácio

Manga Rosa Café

Marofa Bar

Pequeno Lab

TRÊS RIOS

Livraria Favorita

VOLTA REDONDA

Livraria Flamingo

Diadorim Livros e Idéias Pontual Shopping

Rondônia

CACOAL

Nostalgia Sebo e Livraria

Roraima

BOA VISTA

Cafeteria Barracão do Poeta

Flying Fox Café

Santa Catarina

BALNEÁRIO CAMBORIÚ

Cápsula Livraria

BLUMENAU

Rocinante Sebo

CAÇADOR

Livraria Selva Literária

CHAPECÓ

Humana Sebo & Livraria

CRICIÚMA

Sebo Alternativo

FLORIANÓPOLIS

O Barbeiro e O Poeta

Sebo Ivete

JOINVILLE

Casa 97

Salvador Vegan Café, Livros e Discos

LAGES

Livraria Sebo Marechal

LAGUNA

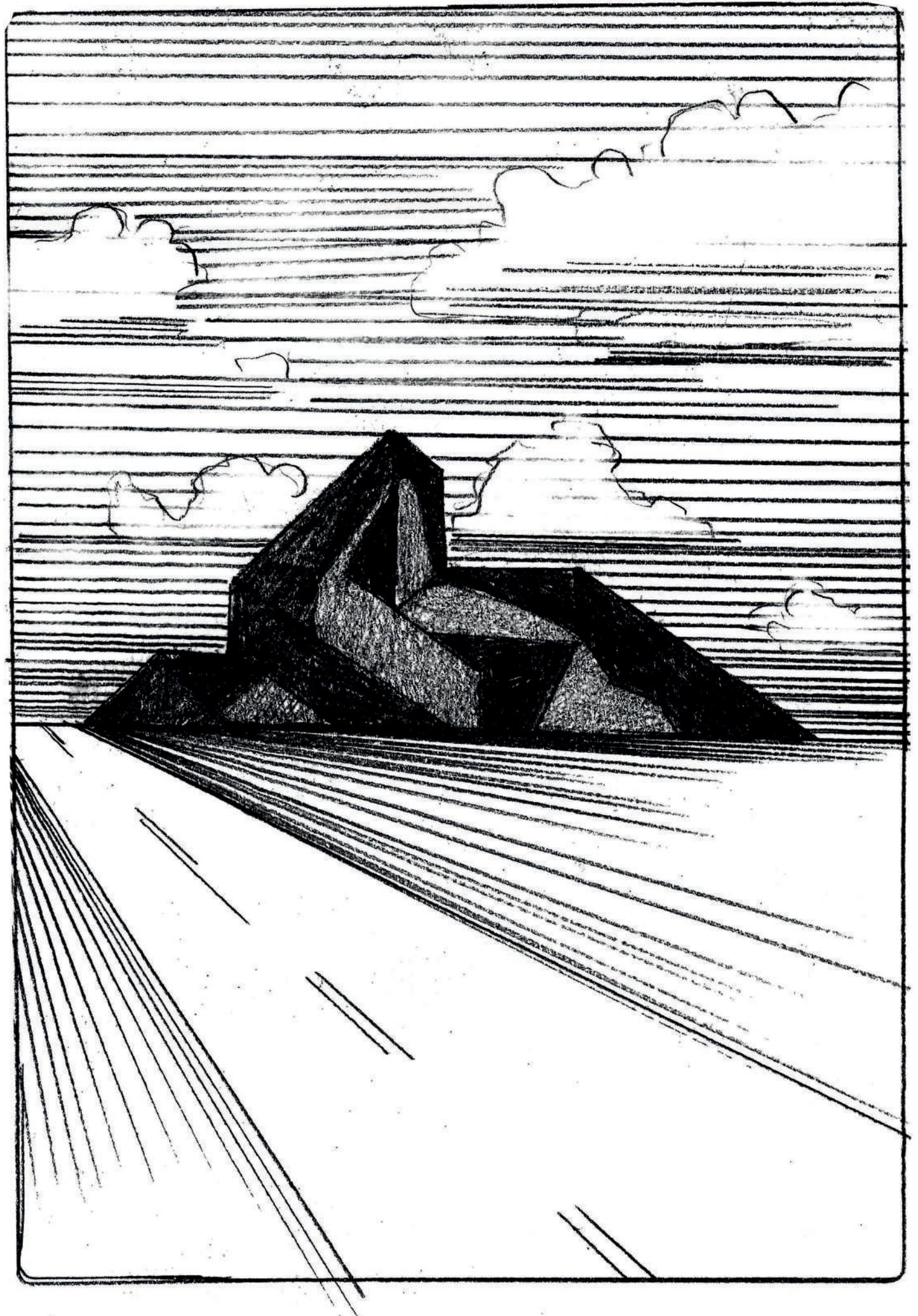
Livraria Coruja Buraqueira



Trecho de
“Amemos burramente”

Rubem Braga

Que complicada é a gente por dentro, quanta coisa no porão se carrega sem saber! Somos todos uma espécie de contrabandistas de nós mesmos. Quando entro em contato com tais assuntos, não me admiro mais de que haja tantos loucos e birutas no mundo; me espanto é de ver o grande número de pessoas que conseguem ser mais ou menos normais e viver dentro de certas regras, beijando as mãos das damas sem mordê-las e deixando um automóvel passar sem lhe jogar uma pedra.





O RELEVO APOIA O JOGO RESPONSÁVEL

Assim como todas as *bets* do planeta (e o Real Bétis), a MacBET não quer apenas lucro, degradação, overdose de dopamina e isenção fiscal. A MacBET não abre mão do *jogo responsável*. Como [até] olhar pra frente enquanto você usa o celular no banco do motorista com o carro em movimento. Ou [até] tirar a camisinha do envelope. Ou [até] remover a munição do revólver do avô antes de deixar o neto brincar de bang-bang. Para manter esse compromisso com a sociedade (e com regulações desnecessárias, teimosas e infelizes na sua interpretação do ser humano como alguém indigno da própria depravação), a MacBET aproveita o espaço no Relevo para reforçar seu compromisso com o jogo responsável:



Limites de perda

Quanto mais você perde, mais perto da vitória está. É uma questão holística muito simples, até porque só existem duas probabilidades: vencer (50%) e perder (50%). Qualquer discurso diferente disso é patifaria acadêmica. Por isso, a MacBET estimula o jogo responsável ao permitir que você perca infinitamente e acumule sabedoria proporcional. A plataforma também ensina o uso da palavra “perda” para você não sair por aí dizendo que teve uma “perca” de R\$ 1.500. Viva a língua portuguesa!



Limites de login

Você certamente já foi em um bar com uma máquina caça-níquel e viu um senhor levemente obeso de calça jeans azul jogando compulsivamente. Talvez tenha pensado “imagina se esse véio degenerado tivesse quatro máquinas para jogar? Jogaria em todas, esse derretido”. Pois bem, pensando que isso é possível se você tiver três chips instalados no seu celular, pensamos em estratégias para proteger o seu (ou nosso...) patrimônio: meditação. Medite sempre que estiver com alguma crise de ansiedade ou se sentindo cansado. Afinal, como toda casa de apostas responsável, estamos genuinamente preocupados com o seu bem-estar... e não, de forma alguma, com o fato de que, se você abrir muitas contas ao mesmo tempo, talvez descubra que perdeu o equivalente a um carro usado em menos de uma semana e não há hot yoga capaz de te expurgar.

Alertas de atividade

Toda vez que você apostar mais do que você ganha, ou, melhor dizendo, toda vez que você gastar o que você não tem para cobrir aquilo que não ganhou, a MacBET subirá uma notificação em seu celular – certifique-se de que ele esteja carregado –, e recomendará um vídeo de um imitador do Galvão Bueno em *loop* para que você possa se conscientizar sobre... alguma coisa. Haja coração!

Ajudando amigos e família

Quem se cadastra na MacBET é obrigado a apontar um contato de confiança (com bônus de aposta se souber o CPF dele...). Assim, quando você ganha qualquer múltipla, seu amigo ou familiar é bombardeado com alertas de que, ao contrário de você – um esperto, um vencedor, alguém que leva vantagem –, ele está dormindo no ponto e é um vacilão. Vem jogar!

Proteção de menores

Sir Betinho McHaggis conhece o valor das crianças como ninguém. “No meu país, elas limpavam as chaminés!”, afirma, orgulhoso. Por isso, a MacBET oferece o plano Oliver Twist apenas para menores de idade. Nele, as crianças podem fazer absolutamente tudo que os adultos fazem, mas com um ou outro alerta antes de a merda acontecer. “Criança precisa de liberdade! Vocês preferem que elas limpem chaminés?”, alega McHaggis, pai de cinco (sem contar os animais silvestres).



Limites de depósito

Depositar = apostar = vencer = bom = feliz. Não depositar = não apostar = perder = ruim = triste. Precisa desenhar?

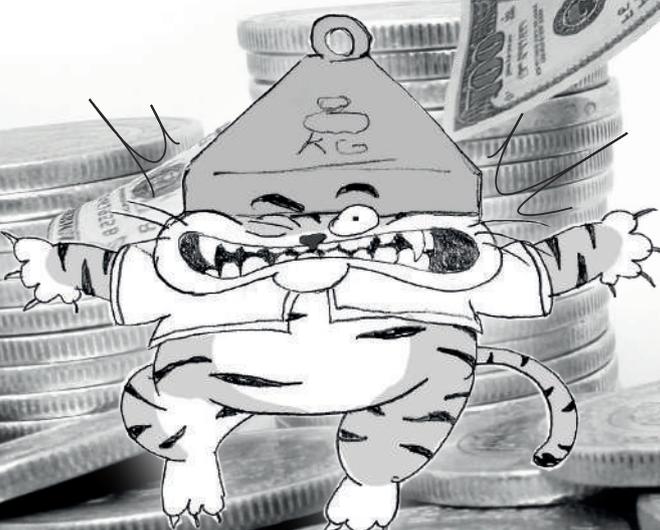
Período de pausa

Sempre que sentir que está exagerando no volume de apostas, troque de instrumento de compensação rápida. Aí talvez você enxergue que era melhor continuar apostando mesmo. Que mal tem uma apostinha, cara? Uma fezinha? Você já não perde dinheiro com a Mega-Sena? A sensação não é gostosa? Por que não acelerar para viver isso todo dia, quem sabe várias vezes ao dia? Você prefere ser mal-atendido no Bar do Bigode e buscar sua própria “cerveja” aguada que dá dor de cabeça (sem nenhuma diversãozinha bacana antes)? Gosta de abrir o MercadoLivre e gastar uma quantia irresponsável do seu cartão em imposto para bancar empresa que importou da China? Que acha de maratona *Narcos* com 10 anos de atraso ao lado daquele seu amigo que já começou quatro faculdades e vende um composto em forma de pílula? Faça pausas e volte.

Autoexclusão

A MacBET tem políticas muito sérias de banimento de jogadores que se excedem no jogo. Uma vez a cada três meses, enviaremos um agente betiário, que por sua vez terá em mãos um Betiário (um bestiário das odds; depois a gente explica...), para você fazer um exame toxicológico e refletir sobre o seu consumo de bets. Após responder um questionário holístico (físico, químico, psicológico e astrológico) com 19 perguntas, caso não atinja o mínimo de 22.5 pontos – basicamente uma briga contra o rebaixamento –, você será convidado a entrar no Betiário. Ah, sim, o Betiário. Uma espécie de álbum de figurinhas dos personagens mais patéticos da história da MacBET. Só *loser*, virjão, betinha (sem trocadilho). A única maneira de sair do Betiário é continuar apostando e provar para nós – mas principalmente para si mesmo – que você não é digno desse rol. Entendemos que a autoexclusão é um processo que inclui saber o momento de parar, e ninguém melhor do que você para dizer que é a hora de parar. *Time!*

UNBELIEVABLE GAINS



macBet

